



PARQUE CULTURAL CATIPOÃ
ENTRE PAISAGEM, ESPAÇO PÚBLICO E HABITAR

DENISE AYUMI YAMAGUCHI
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO II
IAU.USP
SÃO CARLOS, 2023

Imagem: Novas perspectivas, fotografia da autora.

IAU | USP
TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO

PARQUE CULTURAL CATIAPOÃ
ENTRE PAISAGEM, ESPACO PÚBLICO E HABITAR

SÃO CARLOS, DEZEMBRO DE 2023
DENISE AYUMI YAMAGUCHI

ESTA OBRA É DE ACESSO ABERTO. É PERMITIDA A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, DESDE QUE CITADA A FONTE E RESPEITANDO A LICENCA CREATIVE COMMONS INDICADA

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto de Arquitetura e Urbanismo
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Y19p Yamaguchi, Denise Ayumi
Parque Cultural Catipoã. Entre paisagem, espaço
público e habitar. / Denise Ayumi Yamaguchi. -- São
Carlos, 2023.
106 p.

Trabalho de Graduação Integrado (Graduação em
Arquitetura e Urbanismo) -- Instituto de Arquitetura
e Urbanismo, Universidade de São Paulo, 2023.

1. Paisagem. 2. Centro cultural. 3. Arte. 4.
Cidade. 5. Espaços livres. I. Título.

Bibliotecária responsável pela estrutura de catalogação da publicação de acordo com a AACR2:

Brianda de Oliveira Ordonho Sígolo - CRB - 8/8229



Atribuição Não Comercial-Compartilhamento-CC BY-NC-SA

PARQUE CULTURAL CATIPOÃ

ENTRE PAISAGEM, ESPAÇO PÚBLICO E HABITAR

MEMBROS DA COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO PERMANENTE

Prof.ª Dr.ª Aline Coelho Sanches Corato
Prof.ª Dr.ª Camila Moreno de Camargo
Prof.ª Dr.ª Carolina Akemi Martins Morita Nakahara
Prof. Dr. Joubert José Lancha
Prof.ª Dr.ª Luciana Bongiovanni Martins Schenk

COORDENADORA DO GRUPO TEMÁTICO

Prof.ª Dr.ª Luciana Bongiovanni Martins Schenk

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. David Moreno Sperling

Prof.ª Dr.ª Luciana Bongiovanni Martins Schenk

Prof. Me. Eduardo Araujo Silva

Professor convidado

RESUMO

A partir de uma chave de leitura que analisa o acesso à centros culturais e o exercício das artes enquanto direito individual e coletivo e de uma chave que reflete sobre as questões sociais, econômicas e culturais do espaço, este trabalho é fruto de uma reflexão acerca da lógica de produção do espaço urbano em que se insere e as suas contradições. Procurando contribuições através do projeto arquitetônico e das políticas públicas artístico-culturais, visa provocar a apropriação e a reflexão sobre o espaço urbano e a autonomia do indivíduo perante a possibilidade de adquirir conhecimento e de se expressar por meio de manifestações artístico-culturais enquanto ferramentas fundamentais para a construção de uma urbanidade mais participativa e plural.

Neste sentido, este trabalho, sob uma perspectiva interna, volta-se para a área insular vicentina, que por sua vez apresenta em suas diversas camadas conflitos desiguais de ocupação, apresentando uma área de profundas ausências.

É, portanto, para São Vicente, que proponho o Parque Cultural Catiapoã, buscando na arquitetura dos centros culturais e na arquitetura da paisagem, uma alternativa emancipadora e de construção do corpo-espaco aberto, diverso e coletivo.

Através de dois recortes, apresento o programa para o parque e a proposta de uma nova formação vegetal. Adicionalmente, para o centro cultural, proponho a distribuição de cinco programas organizados em quatro volumes, distribuídos ao longo de um eixo central; de forma a conformar uma grande esplanada.

Palavras-chave: Paisagem. Centro cultural. Arte. Cidade. Espaços livres.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo o apoio e carinho. Com amor, dedico este trabalho à minha mãe, cujo amor incondicional me permitiu chegar até aqui.

Agradeço à minha família e meus amigos por caminharem comigo nessa jornada e por tudo aquilo que vivemos.

Aos professores Mariana Rial, Anja Pratschke, David Sperling e Luciana Martins Schenk, pelas orientações enriquecedoras ao longo desse percurso. Agradeço imensamente a atenção dedicada ao longo de todo o processo

À Luciana e Mari, por acreditarem.

01

ALGUMAS REFLEXÕES
FUNDAMENTAÇÃO PROJETUAL

02

ONDE CANTAM OS CANÁRIOS
LEITURAS FRIAS

03

UM PERCURSO
LEITURAS QUENTES

04

PULMÃO URBANO
PRIMEIRA APROXIMACÃO
PARQUE URBANO

05

PARQUE CULTURAL CATIPOÃ
SEGUNDA APROXIMACÃO
CENTRO CULTURAL

06

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01

ALGUMAS REFLEXÕES

Neste capítulo são abordadas algumas questões e observações anteriores, que foram desenvolvidas ao longo do curso. Tais questões tornam-se relevantes por introduzirem a fundamentação das ideias e conceitos desenvolvidos ao longo do processo projetual.



1.1. O DESENHO E A LÓGICA DE PRODUÇÃO DO ESPAÇO

O desenho, além de uma importante ferramenta de registro e comunicação, constitui-se também de um importante instrumento de diálogo, de reflexão, de análise ou de concepção de objetos, espaços e lugares.

De acordo com Tavares (2009)⁽¹⁾, “o desenho dá ao projeto a oportunidade de transgressão e crescimento”. O desenho está intrinsecamente relacionado à diversas metodologias projetuais. Para Leandro R. Schenk (2010)⁽²⁾, o desenho é um ato criador que integra um percurso não linear de ideias e decisões. O desenho seria uma extensão do corpo e também uma extensão do processo de concepção espacial, tornando-se responsável pelo diálogo entre as alternâncias ou o nascimento das ideias e a concepção do espaço projetado.

Conceber o espaço implica percebê-lo, abrindo a possibilidade de infinitas perspectivas (Merleau-Ponty, 1945).⁽³⁾ Desenhar o espaço, apreendê-lo e alterá-lo concretamente demanda o estabelecimento de um lugar de diálogo múltiplo, entre o abstrato e o fazer concreto. Compreender a lógica de concepção pela qual o espaço foi desenhado é certamente algo complexo. O espaço urbano é um conjunto heterogêneo e multifacetado de diversos processos sociais sobre o território. Entretanto, muitas vezes, os processos de concepção do espaço distam da lógica dialética do desenho operativo/discursivo e passam a priorizar a lógica da produção dinâmica de capital, produzindo espaços cujo próprio direito ao território - e à cidade - ocorre de modo desigual.

Dado o modo discrepante através do qual os espaços geográficos se desenvolveram, o geógrafo David Harvey, através de uma leitura marxista, identifica no modo de produção capitalista, a origem da lógica de produção do espaço geográfico e de variados conflitos⁽⁴⁾. Segundo o autor, a força do capital estimula a produção do espaço segundo os interesses da expansão do mercado e da dinâmica do lucro.



A produção da organização do espaço, no tocante à produção de configurações fixas e imóveis, tende a ser caracterizada por uma aproximação entre produção e distribuição, de modo a reduzir o “tempo de rotação socialmente necessário”; priorizando assim, o tempo em relação ao espaço. O impacto da mobilidade e da expansão dessa forma de conceber determinadas estruturas sociais e urbanas é sobretudo observado em centros metropolitanos exportadores, onde o cotidiano é muitas vezes influenciado pela especulação de bens e serviços e pela flutuação do capital. Assim, para o caso específico da produção do transporte, em que a elaboração é o produto em si mesmo, há uma tendência ao estabelecimento de grandes espaços destinados a essa finalidade, em detrimento de outras carências da população.

Além do contraste gerado por essa acumulação primitiva, uma outra estratégia adotada simultaneamente por muitas cidades pode vir a agravar a falta de participação paritária na vida em comum. Essa estratégia caracteriza-se pela gestão através de um modelo de bem-estar social competitivo. Por meio de parcerias público-privada, alguns modelos de gestão objetivam impulsionar a circulação do consumo e do capital, estimulando o turismo e o entretenimento. Entretanto, a adoção da parceria público-privada para o fomento do setor turístico e do entretenimento é sobretudo uma forma de pensar a cidade a partir do que Harvey conceitualiza como estilo consumista de urbanização, que pode levar a uma expansão do consumo de massa e o desenvolvimento concentrado em áreas específicas da cidade.

Por outro prisma, o estímulo à arte e à cultura como formas de empreendimento de uma cidade, desde que elaborado a partir do coletivo, pode vir a ser um reavivador do lugar como comunidade e suscitar reflexões acerca do próprio espaço e da realidade em que se situa, gerando espaços de diálogo e de esperança⁽⁵⁾.

⁽¹⁾ TAVARES, Paula. O desenho como ferramenta universal. O contributo do processo do desenho na metodologia projetual. Revista de estudos políticos, v. 7, n. 12, p. 007-024, 2009.

⁽²⁾ SCHENK, Leandro Rodolfo; PALLAMIN, Vera Maria. Os croquis na concepção do espaço arquitetônico: um estudo a partir de quatro arquitetos brasileiros. 2004.

⁽³⁾ MERLEAU-PONTY, Maurice. O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas, 1945, Campinas, SP, Papirus. Tradução publicada em 1990, p. 47s.

⁽⁴⁾ HARVEY, David. Produção Capitalista Do Espaço, A. Annablume, 2005

⁽⁵⁾ HARVEY, David. Espaços de esperança. Edições Loyola, 2000.



1.2. O ACESSO À CULTURA COMO DIREITO

A insuficiência de acesso a espaços que permitam a expressão e o aprendizado coletivo é especialmente uma restrição encontrada em grandes cidades, onde o dinamismo acelerado da produção demandado pelo capital mescla-se com a especulação do espaço privado imposto ao território, conformando o corpo à realidade da dinâmica urbana. Além disso, a dificuldade de acesso a equipamentos culturais coletivos também ocorre em cidades menores, promovendo a necessidade de grandes deslocamentos.

Mesmo que o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso à cultura sejam garantidos constitucionalmente, diversos fatores de caráter político, econômico e social contribuem para que haja dificuldade de acesso a determinados equipamentos culturais. Dada a disparidade econômica e social que conforma o cotidiano de muitos locais, as necessidades individuais e coletivas acabam por serem classificadas e reivindicadas por critérios de incompressibilidade.

Segundo Candido (2007)⁽⁶⁾, os critérios de incompressibilidade variam de acordo com a época e a cultura e estão ligados à divisão social de classes. Alguns bens são comumente considerados incompressíveis, tais como a moradia, o alimento e a vestimenta. Por oposição, espaços de lazer, atividades artísticas e atividades culturais são muitas vezes considerados como compressíveis, fazendo com que muitas vezes sejam negligenciadas e/ou negadas. Segundo pesquisa realizada pelo IPEA em 2010⁽⁷⁾, cerca de 70% da população nunca foi a museus ou a centros culturais e pouco mais da metade não frequenta cinemas. De acordo com a população amostrada, os altos preços de instituições privadas e a distância da moradia até os equipamentos públicos são os principais responsáveis. Não se trata apenas de uma questão geográfica, mas também de uma carência múltipla de oportunidades oferecidas.

⁽⁶⁾Candido, Antonio. A importância da leitura. em: A literatura e a formação da consciência. São Paulo: Cadernos de Estudos da Escola Nacional Florestan Fernandes, Número 2, 2007

⁽⁷⁾Pesquisa IPEA divulgada em 17 de nov. de 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI188320-15228,00-PRECO+ALTO+E+OBSTACULO+PARA+ACESSO+A+CULTURA+DIZ+PESQUISA.html>>. Acessado em 31. nov. 2021.

1.3. A PRODUÇÃO DE CENTROS CULTURAIS COMO POLÍTICA

O estudo e a produção de centros culturais é inicialmente, um estudo voltado para produção do equipamento como um edifício. Entretanto, o estudo da cidade torna-se relevante e fundamental devido à sua potência de transformação da realidade em que se insere.

Determinadas arquiteturas monumentais e espetacularizadas, especialmente quando vinculadas a equipamentos culturais, exerceram, historicamente, papéis significativos nas tentativas de requalificação dos espaços urbanos. Segundo Vera Pallamin⁽⁸⁾, a monumentalidade atribuída à arquitetura de centros culturais foi frequentemente associada às estratégias políticas em que houve o prevalecimento da imagem sobre a relação com o espaço. Em muitos equipamentos de grande porte, a concentração de atividades em um mesmo espaço e a reprodução do equipamento artístico cultural como uma forma genérica e replicada acabou por distanciá-las de uma grande parcela da população, resultando em “requalificações” sem sucesso.

Assim, reconhecer as questões do espaço e os impedimentos à distribuição equitativa de oportunidades evidencia a impossibilidade de superação dessas questões através de uma solução única e distante da realidade urbana.

Mas se por um lado existem contradições sistêmicas, conflitos instituídos socialmente e políticas que não promovem o alcance de determinados grupos sociais à instituições públicas comuns, há também a existência da estruturação de embates por direitos e por justiça social, atrelados a construções comunitárias; embates que buscam a participação popular da vida em comum e que decorrem de ações coletivas que podem vir a se expressar no espaço público; transpondo fronteiras e ressignificando o espaço coletivo.

⁽⁸⁾PALLAMIN, Vera Maria. Arte, cultura e cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos. 2015.

Deste modo reitera-se o potencial transformador da arte e da educação na formação da paisagem urbana, uma vez que podem vir a contribuir para uma resignificação sucessiva em diversas esferas de bem-estar e do panorama de perspectivas e de horizontes futuros.

“(...) a arte não é política de início pelas mensagens e sentimentos que ela transmite sobre a ordem do mundo. Ela não é política não mais pela maneira com que representa as estruturas da sociedade, os conflitos ou as identidades dos grupos sociais. Ela é política pela distância mesma que ela toma em relação a estas funções, pelo tipo de tempo e de espaço que ela institui, pela maneira com que ela divide este tempo e povoa este espaço [...] o próprio da arte é operar uma ‘redivisão’ do espaço material e simbólico. É por aí que a arte toca à política”. (RANCIÈRE, 2004, p. 36-37, apud PALLAMIN, 2015, p. 60.)⁽⁹⁾



Balé jovem de São Vicente. Coreografia de Cludsonor Alves.
Fotografia Balé Jovem de São Vicente. São Vicente, 2022.

⁽⁹⁾RANCIÈRE, Jacques (2004). *Malaise dans l'esthétique*. Paris:La Fabrique.

Transformar a tristeza em
Arara Azul: Pássaras.
Fotografia Andrey Haag.
Projeto de Extensão do
Laboratório Corpo e
Arte-UNIFESP
Santos, 2022.

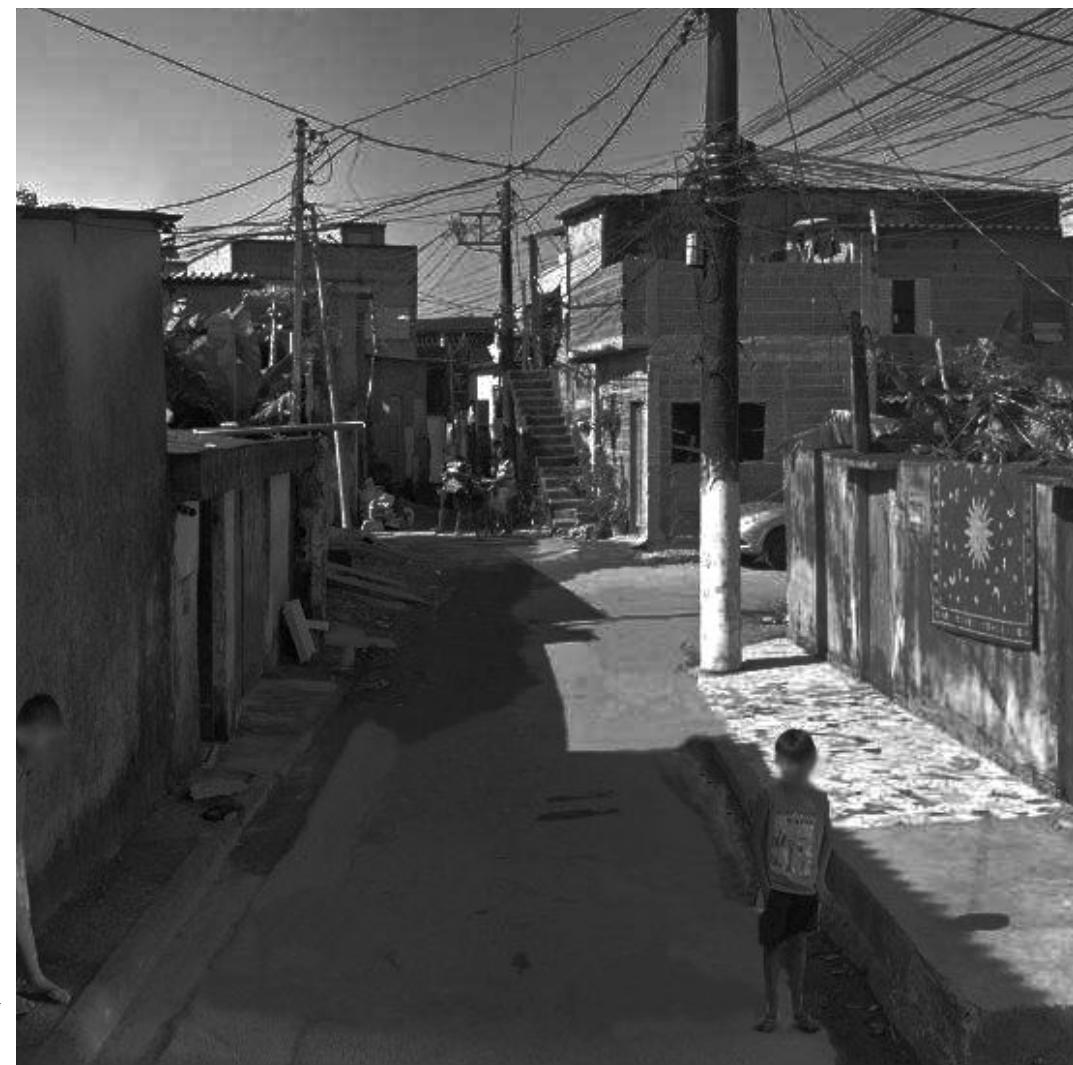


Comunidade Sá Catarina de
Moraes, Fronteiras e o habitat.

Fronteiras é um termo que pode ser entendido de diferentes maneiras. No caso da Comunidade Sá Catarina de Moraes, é uma fronteira que se estende entre a natureza e a cultura, entre a terra e a construção humana, entre a memória e a memória coletiva. É uma fronteira que se estende entre a natureza e a cultura, entre a terra e a construção humana, entre a memória e a memória coletiva.

Fronteiras é um termo que pode ser entendido de diferentes maneiras. No caso da Comunidade Sá Catarina de Moraes, é uma fronteira que se estende entre a natureza e a cultura, entre a terra e a construção humana, entre a memória e a memória coletiva. É uma fronteira que se estende entre a natureza e a cultura, entre a terra e a construção humana, entre a memória e a memória coletiva.

Comunidade Sá Catarina de
Moraes, Fronteiras e o habitat.
Fotografia via Google Maps,
editado pela autora.



02

ONDE CANTAM OS CANÁRIOS

Neste capítulo são apresentadas algumas questões do território onde se insere o projeto, em escala municipal e local. A partir de um sobrevôo sobre o território, é possível observar as suas dinâmicas e conflitos.

Praia do Itararé. Felixx Drone, 2020.



Sou entre flor e nuvem, estrela e mar. Por que
havemos de ser unicamente
humanos, limitados em chorar?
Não encontro caminhos fáceis
de andar. Meu rosto vário
desorienta as firmes pedras
que não sabem de água e de ar.
-- Cecília Meireles.



Vista aérea São Vicente insular. Felixx Drone, 2019.

2.1. SOBREVOAR ENTRE CAMADAS DA PORÇÃO INSULAR

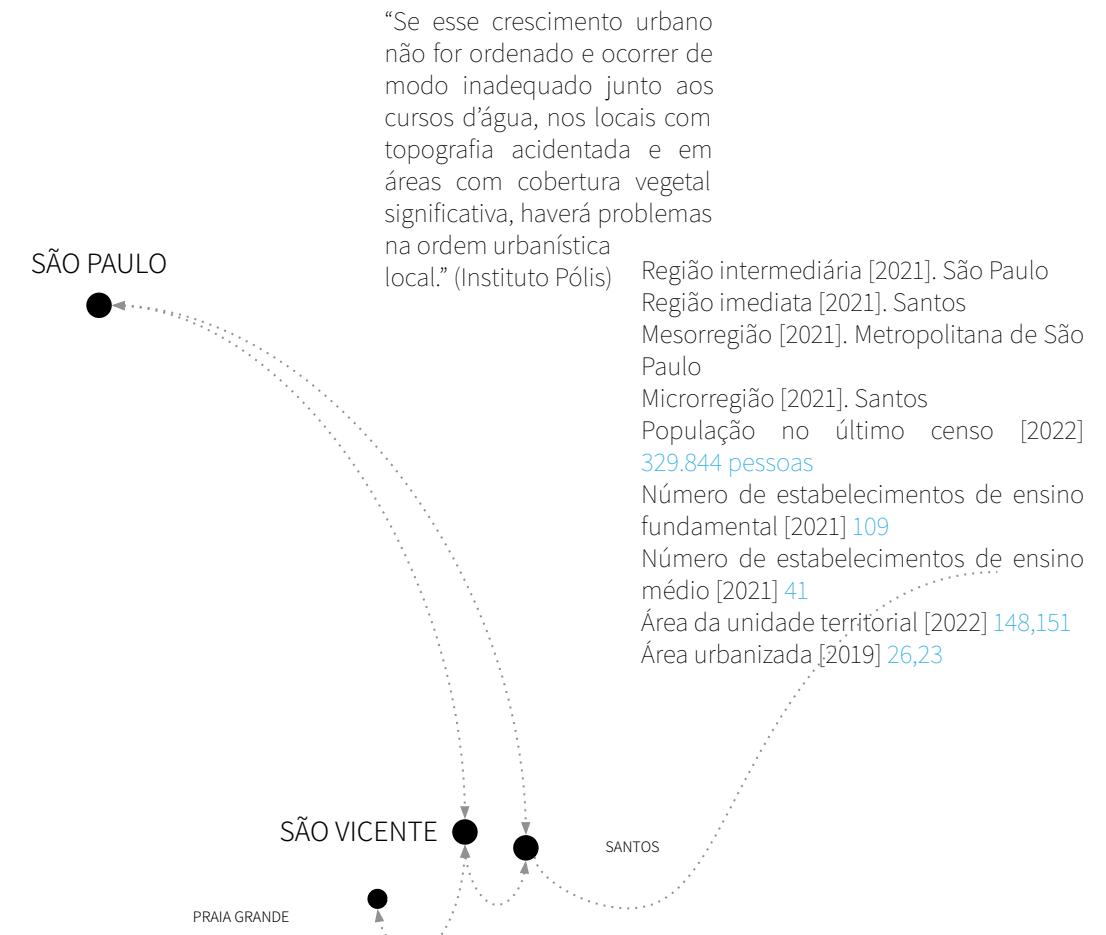
A ESCOLHA DO LUGAR

O município de São Vicente, localiza-se na Região Metropolitana da Baixada Santista. Atualmente o município compreende três macroáreas reiteradas pela Lei de Uso e Ocupação do Solo municipal⁽¹⁰⁾: a macroárea insular, a macroárea continental e a macroárea estuário, esta última sendo formada por corpos d'água. Por conta da proximidade com o município de Santos, onde está localizado o maior porto do país em valor de cargas movimentadas, há a presença de muitos espaços destinados ao transporte de cargas. O município de Santos também exerceu influência sobre o modelo de drenagem urbana adotado por São Vicente, realizado através de canais inspirados no projeto de saneamento de Saturnino de Brito.

A partir de 1998, o processo de verticalização em Santos se acelerou vertiginosamente, amparado em alterações nos parâmetros relacionados à construção civil na cidade. O processo de verticalização perpetuou-se e continua acelerado até os dias atuais, apesar da Lei 312/98 ter sido substituída posteriormente.

São Vicente acompanhou o processo de verticalização e adensamento na orla da praia e na região do centro a partir dos anos 2000. Atualmente, o processo de verticalização vicentino volta a se acelerar, amparadas por mudanças na legislação. Alterações realizadas em 2023 incluem o aumento de 5 vezes para 7 vezes a área de construção do terreno. Adicionalmente, torna-se facultativo a taxa de aproveitamento mínimo do lote e a obrigatoriedade de estacionamento em determinadas zonas, bem como o aumento da taxa de ocupação de 60% para 80% em áreas centrais de comércio.

⁽¹⁰⁾Lei Municipal 917/18 Anexo II.

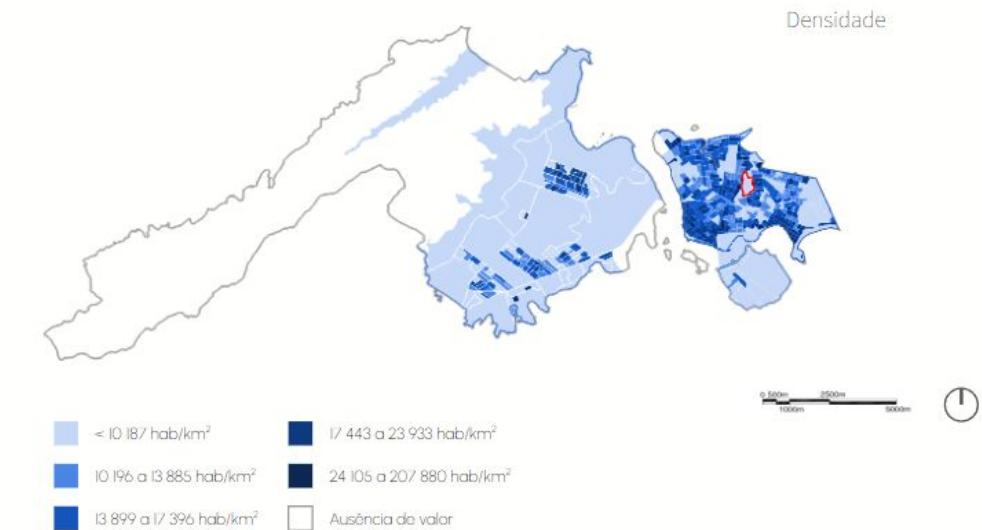
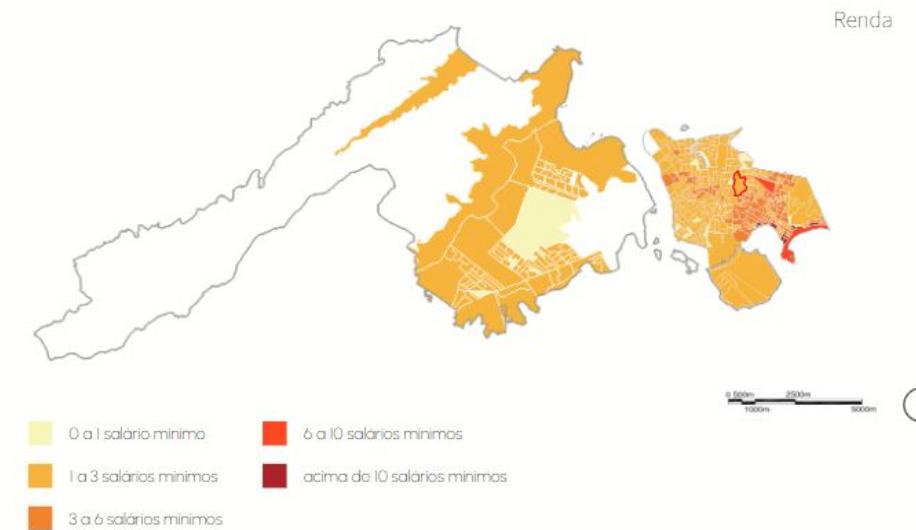
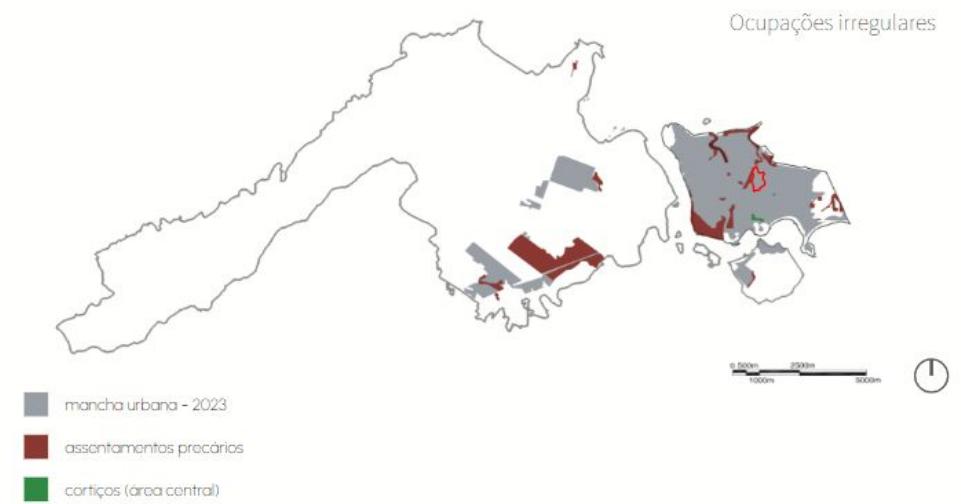
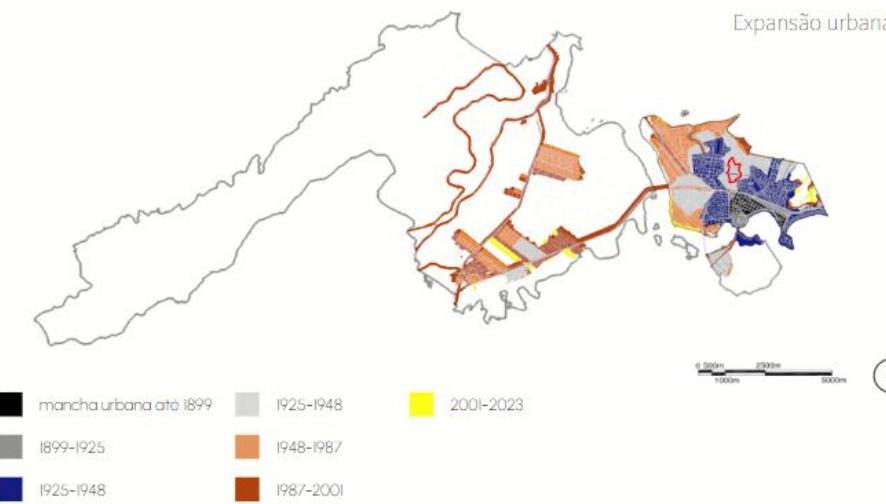


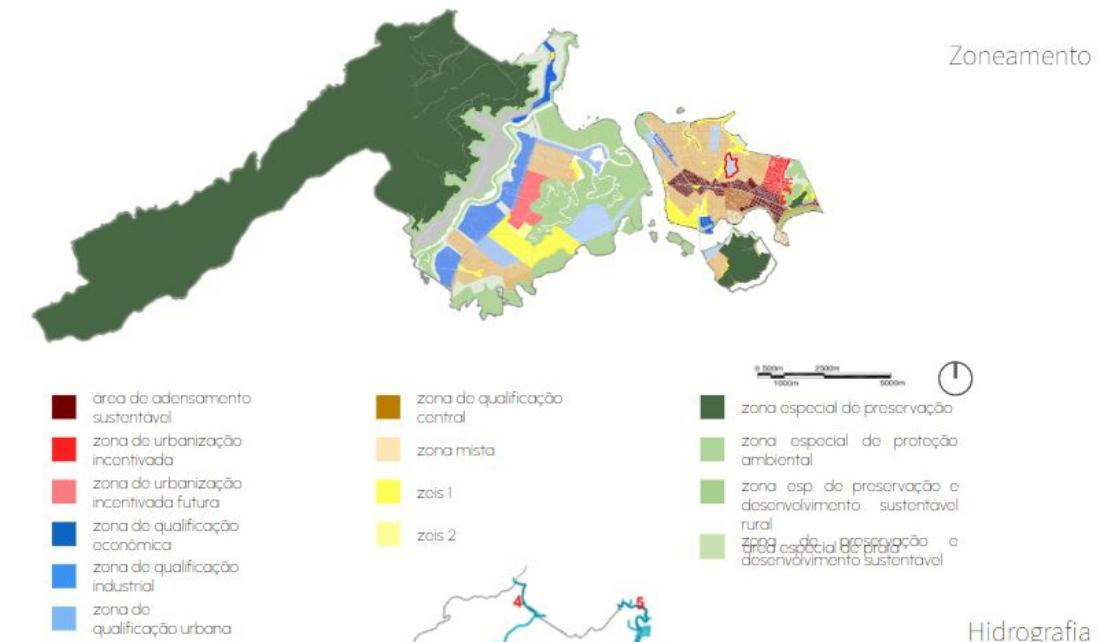
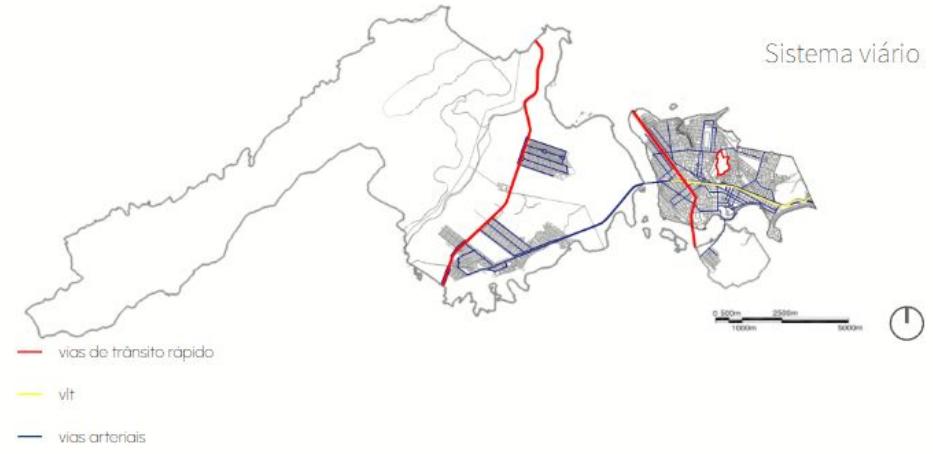
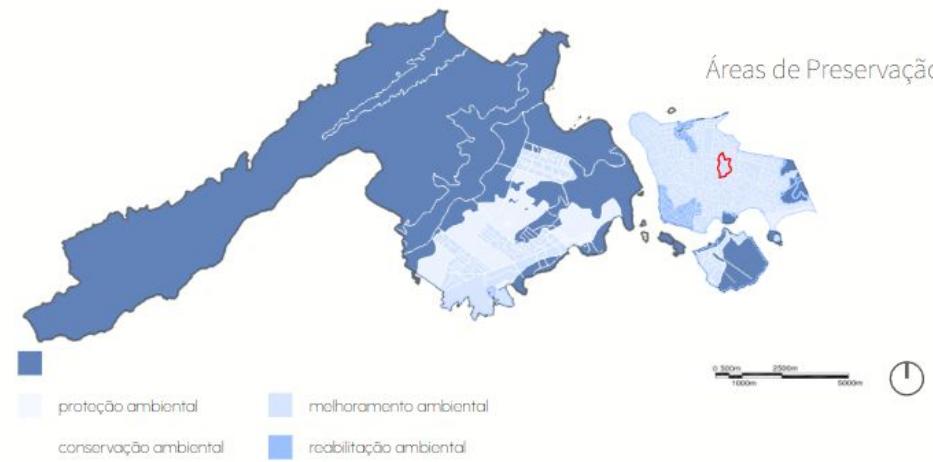


No tocante à escala municipal, o trabalho insere-se na macroárea insular, onde foi fundada a Vila de São Vicente (primeira vila do país) e as primeiras manchas de ocupação urbana. Como pode ser observado nas cartografias, a expansão urbana iniciou-se a partir da praia a sudeste e deslocou-se para as demais áreas, ocupando toda a porção insular. Posteriormente, a mancha urbana expandiu-se para a porção continental, especialmente através de núcleos habitacionais e a migração de habitantes com menor poder aquisitivo. À sudeste, na orla da praia e ao redor do centro (econômico e histórico), concentram-se áreas com maior renda, maior verticalização e de incentivo cultural e turístico; em contraste com as áreas norte e noroeste, que abrigam maiores concentrações de habitações precárias e populações com menor renda mensal.

O município apresenta movimentos pendulares de deslocamento tanto internos à ele próprio (área insular/área continental) quanto em relação aos municípios de Santos, Cubatão e Guarujá. Assim também ocorre os deslocamentos referentes ao acesso a equipamentos culturais, estes majoritariamente concentrados na porção de interesse histórico e turístico próxima à orla. De acordo com o censo do IBGE 2010, a população de São Vicente era composta por cerca de trezentos e trinta e dois mil habitantes, tendo nas áreas urbanizadas, até 135 hab/ha.. Os bairros que apresentam maior densidade encontram-se próximos ao litoral: bairros do Centro, Gonzaguinha e Boa Vista. Essa taxa é considerada a maior densidade média por bairro dentre os municípios da Baixada Santista.

O município contava com um centro de convenções municipal, que infelizmente foi destruído após um incêndio em 2015. De modo geral, o sistema público de transportes atende quase toda a parte insular, sendo escassa na porção continental.





Corpos d'água
o contato com os corpos d'água no município ocorre
em sua grande maioria através de piscinas privadas

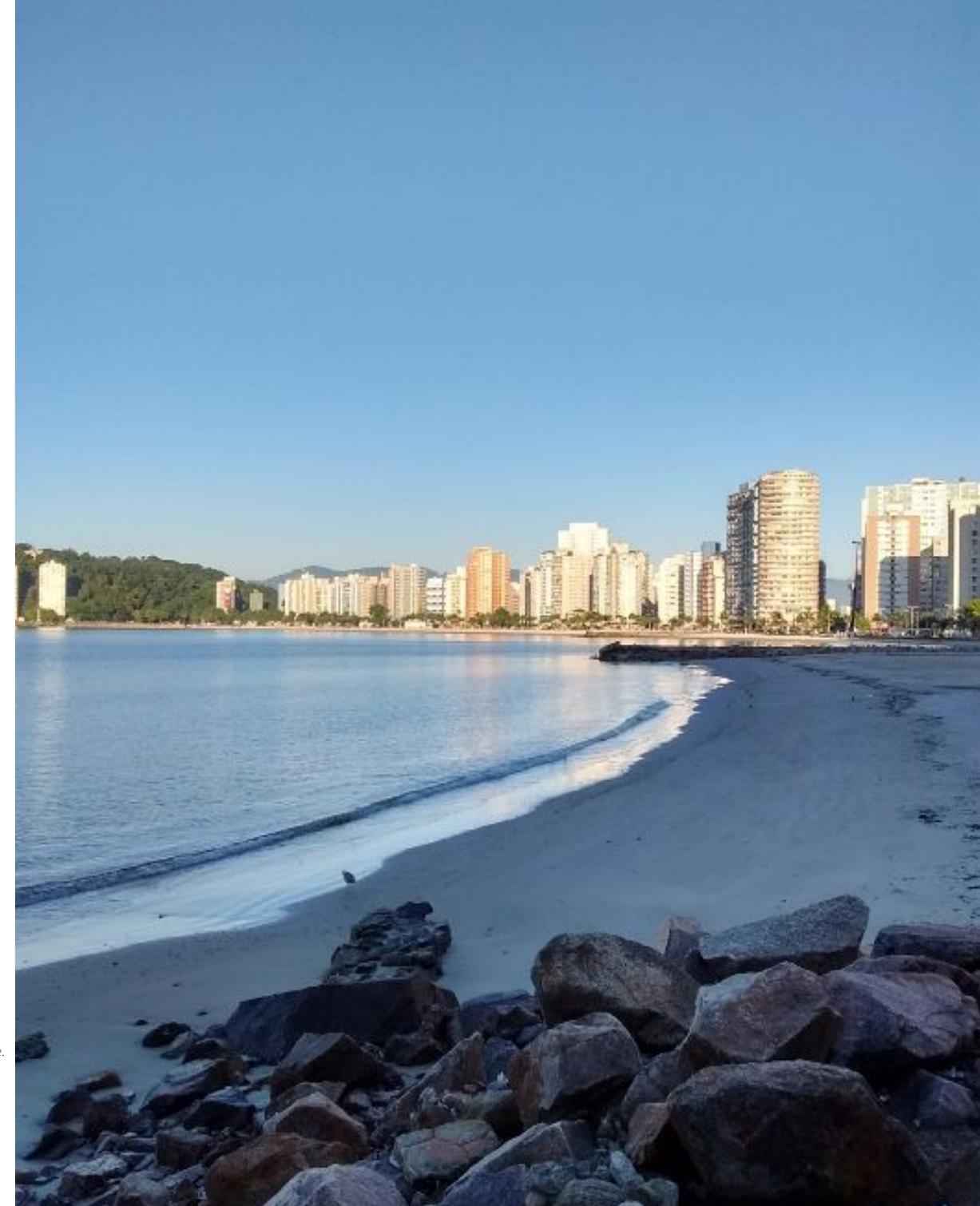


03

UM PERCURSO

Neste capítulo são apresentadas algumas questões do território através de uma leitura percorrida no tempo e no espaço. Algumas questões se fazem presentes à medida que se aproximam do corpo e do cotidiano.

Praia do Itararé, Felixx Drone.

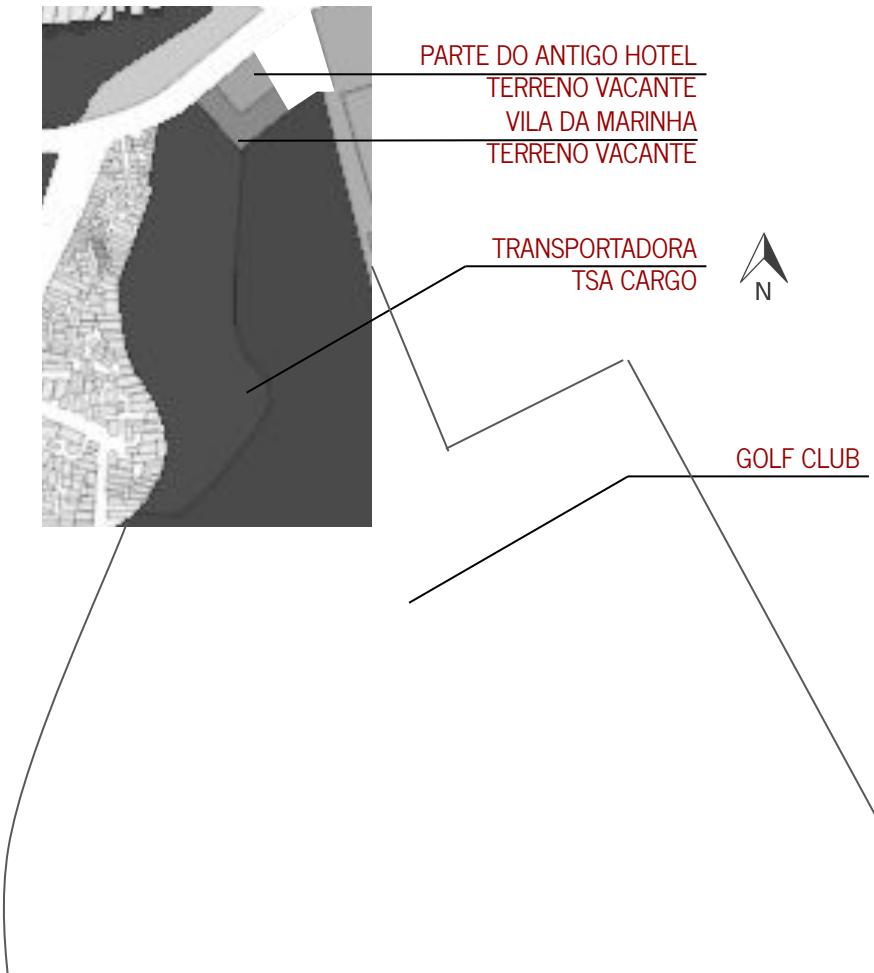


3.1. RECORTE DE PROJETO

O local de intervenção está localizado próximo do centro geográfico da macroárea insular, no bairro Catiapoã, sendo simultaneamente limítrofe aos bairros Parque São Vicente e Jóquei Club. É composto por quatro terrenos adjacentes dos quais dois são privados e dois são de propriedade institucional. O terreno mais extenso é atualmente um clube de golfe que está previsto para se tornar um conglomerado comercial com estabelecimentos de grande e médio porte. O segundo maior em extensão trata-se de um estacionamento privado de uma transportadora, fornecendo serviço ao Porto através do aluguel de contêineres e veículos. O terceiro terreno é de propriedade da Marinha, estando sob processo de destituição. O quarto terreno caracteriza-se como uma porção não vendida de um lote antigo, que compreendia um antigo hotel. Este último foi demolido para a construção de um supermercado (ao lado do recorte de intervenção) e de um restaurante de fast-food.

TERRENO

FONTE: GOOGLE MAPS. ELABORADO PELA AUTORA.



3.2. URBANIDADES E COTIDIANOS

Neste local, há o cruzamento de diversos contrastes e elementos da esfera urbana municipal. Está situado na avenida Penedo, um importante eixo viário da cidade, conectando a Rodovia dos Imigrantes com a Av. Capitão Luiz Hourneaux e a Av. Antônio Emmerich. Coloca-se também entre dois importantes clubes da cidade, fazendo divisa com o Golf Club (a leste). Clube este que embora contenha uma diversidade de fauna e flora expressivas e consista uma das poucas áreas verdes da cidade, é pouco acessado pela população devido ao alto perfil econômico de seus frequentadores.⁽¹¹⁾ Em oposição, o local de atuação também situa-se entre dois importantes aglomerados subnormais, a comunidade Sá Catarina de Morais (a oeste) e a comunidade do Sambaiatuba (a norte), que originaram-se de formas de ocupação irregular para abrigar parte da população carente que foi desterritorializada; advindas tanto do próprio município quanto de municípios vizinhos. Traduzindo-se, desta forma, em territorialidades dotadas da carência de serviços públicos essenciais e de relações sociais e espaciais dadas por meio de identidades territoriais e formas de habitar diversas.

Adicionalmente, o terreno elencado está compreendido entre dois conjuntos habitacionais próximos, construídos pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo (CDHU) e secretarias municipais⁽¹²⁾ – Conjuntos São Vicente H (ao sul, bairro Catiapoã) e Conjunto Penedo Primavera (bairro Sambaiatuba). Sob a perspectiva ambiental, o local faceia o canal a céu aberto contido na Av. Penedo. Conectando-se ao rio Bugre (divisa São Vicente-Santos, no bairro Sambaiatuba), o bairro do Catiapoã é margeado por canais em toda a sua divisa, sendo tamponado apenas a partir da Av. Martins Fontes. Ao longo das margens vegetadas dos canais a céu aberto, há continuamente um processo de intensificação das ocupações irregulares por meio de construções precárias (em palafitas ou não) em paralelo à expulsões e desapropriações constantes por parte dos setores público e/ou privado.

⁽¹¹⁾Em 2019 parte do terreno do clube foi vendido para a construção do supermercado e em maio deste ano, o processo de tombamento do imóvel, iniciado pelo Conselho Municipal de Defesa do Patrimônio Histórico Artístico e Arquitetônico Cultural e Turístico de São Vicente (CONDEPHASV) foi negado pela prefeitura. Em 2023 foi aprovado o projeto para o conglomerado comercial. ⁽¹²⁾Secretaria de Habitação e Regularização Fundiária (Sehab), Sedurb (Secretaria de Desenvolvimento Urbano e Parcerias Público-Privadas) e Semam (Secretaria de Meio Ambiente e Bem-Estar Animal)



ELEMENTOS URBANOS

FONTE: GOOGLE MAPS. ELABORADO PELA AUTORA.



- 1. Estação VLT
- 2. CDHU
- 3. Centro esportivo Dondinho e EE. José Nigro
- 4. Estação de distribuição CPFL

- Av. Martins Fontes
- Rodovia dos Imigrantes
- Av. Augusto Severo e Av. Penedo
- Linha de transmissão de alta voltagem

- Favela Sá Catarina de Morais
- Bairro do Sambaiatuba, favela e dique
- Dique do Rio Cachetas
- Dique do Piçarro

- Av. Antônio Emmerich
- Jóquei Club
- Golf Club
- 12º Batalhão de Infantaria Leve



O entorno é majoritariamente composto por construções residenciais, devido ao histórico de constituição do local. As edificações, em sua maioria, apresentam um gabarito baixo, estando abaixo de três pavimentos. Apesar da existência de alguns comércios e edificações institucionais privadas (em sua maioria religiosas), há uma escassez de locais de permanência, prevalecendo a configuração das vias e dos espaços públicos primordialmente como locais de passagem. Dentro desses diferentes modos de habitar contidos no entorno do local de inserção analisado, é possível notar a demanda por espaços coletivos de apropriação do território e de extensão do modo de habitar a cidade. Em muitas residências, conserva-se o hábito de sentar-se na porta de entrada, apesar do fluxo intenso dos veículos. Vale ressaltar também que muitas das residências do entorno estão compreendidas sob uma faixa de servidão de uma das linhas de alta voltagem da companhia distribuidora de luz elétrica paulista, tendo sido construídas anteriormente à linha e, portanto, estando vulneráveis aos possíveis danos relacionados.



CANAL E MORADIAS DO SÁ CATARINA
FOTOGRAFIAS DA AUTORA.

3.3. CATIPOÃ | ÁREA INSULAR

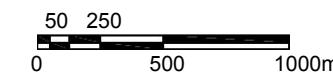
Localizado no centro da porção insular, o bairro Catiapoã abrange os loteamentos Sá Catarina de Morais, Jardim Nossa Lar, Catiapoã, Vila Ferroviária, parte da Vila Cascatinha e outros.

O bairro, de origem operária, abrange também terrenos da antiga companhia de transporte Ferrovia Paulista S/A (FEPASA). Inicialmente, sua ocupação foi estimulada pela expansão da estrada de ferro Sorocabana ainda na década de 1940, abrigando as famílias e os trabalhadores da companhia. Em paralelo, com o desenvolvimento das reformas urbanas de Santos, os conflitos de ocupação existentes no município vizinho intensificaram-se. Houve, em Santos, o crescimento dos cortiços e de ocupações irregulares como chalés e barracos de madeira nas atuais regiões santistas da Macrozona dos Morros e Macrozona Noroeste. Houve a expulsão de muitas famílias de suas residências, estimulando a migração para os bairros em expansão que se originavam em São Vicente.

Segundo o historiador vicentino Dalmo Duque dos Santos, o termo Catiapoã provém do tupi-guarani (lugar de mato onde cantam os canários), indicando as primeiras populações do local e característica vegetação de mata atlântica que existia. Atualmente, o bairro abriga uma das maiores biodiversidades de flora da porção insular (à exceção dos morros), muito embora ainda seja escassa. Essa porção vegetal dá-se pela conservação de árvores nativas no Golfe Clube, entretanto o acesso a esses espaços ocorre de maneira muito restrita à população.



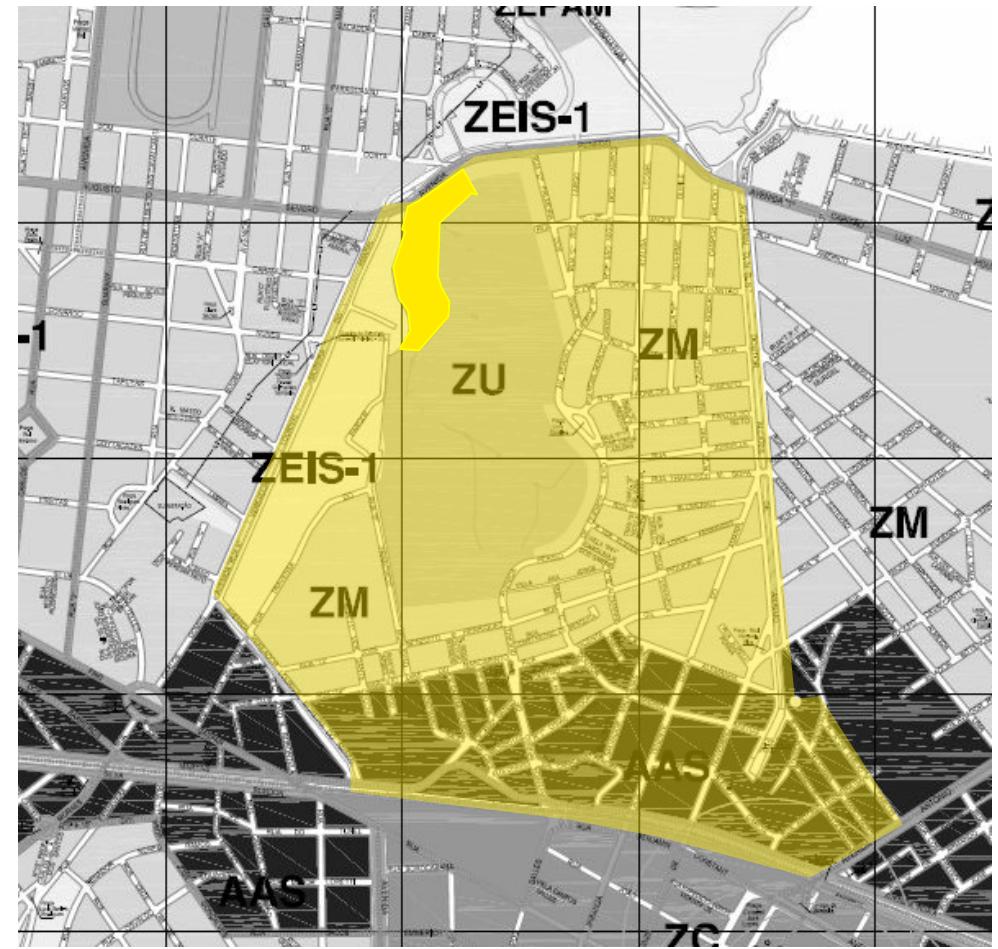
ÁREA INSULAR E CATIPOÃ
FONTE: GOOGLE MAPS. EDITADO PELA AUTORA.



Mediante essas heterogeneidades, o bairro divide-se em quatro zoneamentos, nos quais incidem diferentes parâmetros de parcelamento, uso e ocupação do solo. Ao sul, definiu-se, através das legislações urbanísticas atuantes, territórios de desenvolvimento urbano e de uso incentivado, determinado pelo município como uma área de adensamento sustentável (AAS). As demais zonas são indicadas como territórios de desenvolvimento urbano de uso misto qualificado, sendo uma Zona Especial de Interesse Social - I (ZEIS-I), uma Zona Mista (ZM) de transição e uma Zona de Qualificação Urbana (ZU, onde está localizado a área escolhida).

Em relação aos parâmetros urbanísticos, na Zona de Qualificação Urbana, incide o coeficiente de aproveitamento mínimo de 40% e o máximo, de 800%. Nessa área, a taxa de ocupação é de 60% para edificações até quatro pavimentos e de 50% para edificações de cinco pavimentos ou mais. Pode ser observada, a partir desses números, a tendência de estímulo à verticalização aplicada nas legislações municipais vicentinas. Adicionalmente, mediante à definição abrangente dada pela legislação, todos os projetos que venham a se realizar para essa zona estão reservados à análise especial da prefeitura para estudos de impacto no entorno, tamanha é a necessidade de contemplação dessas questões.

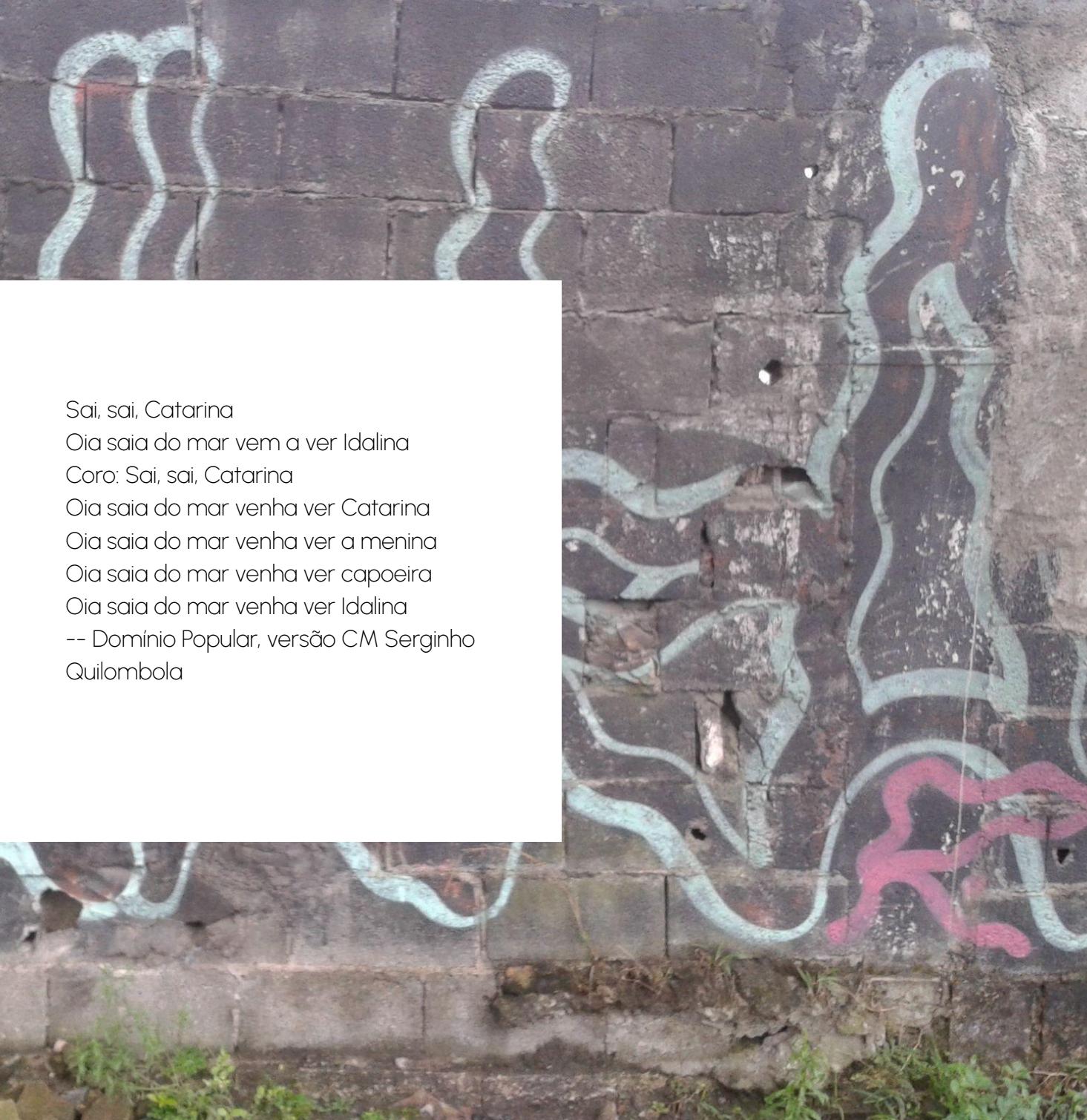
É obrigatória também a reserva de águas pluviais, uma vez que grande parte dessa área compõem espaços de retenção e escoamento natural de águas pluviais. Mesmo assim, o coeficiente de permeabilidade indicado é de apenas 15%. Alagamentos são fenômenos frequentes no local, especialmente nas margens dos canais, onde passam as avenidas Lourival Monteiro do Amaral (à oeste), Av. Penedo (à norte) e Av. Dr. Alcides de Araújo (à leste).



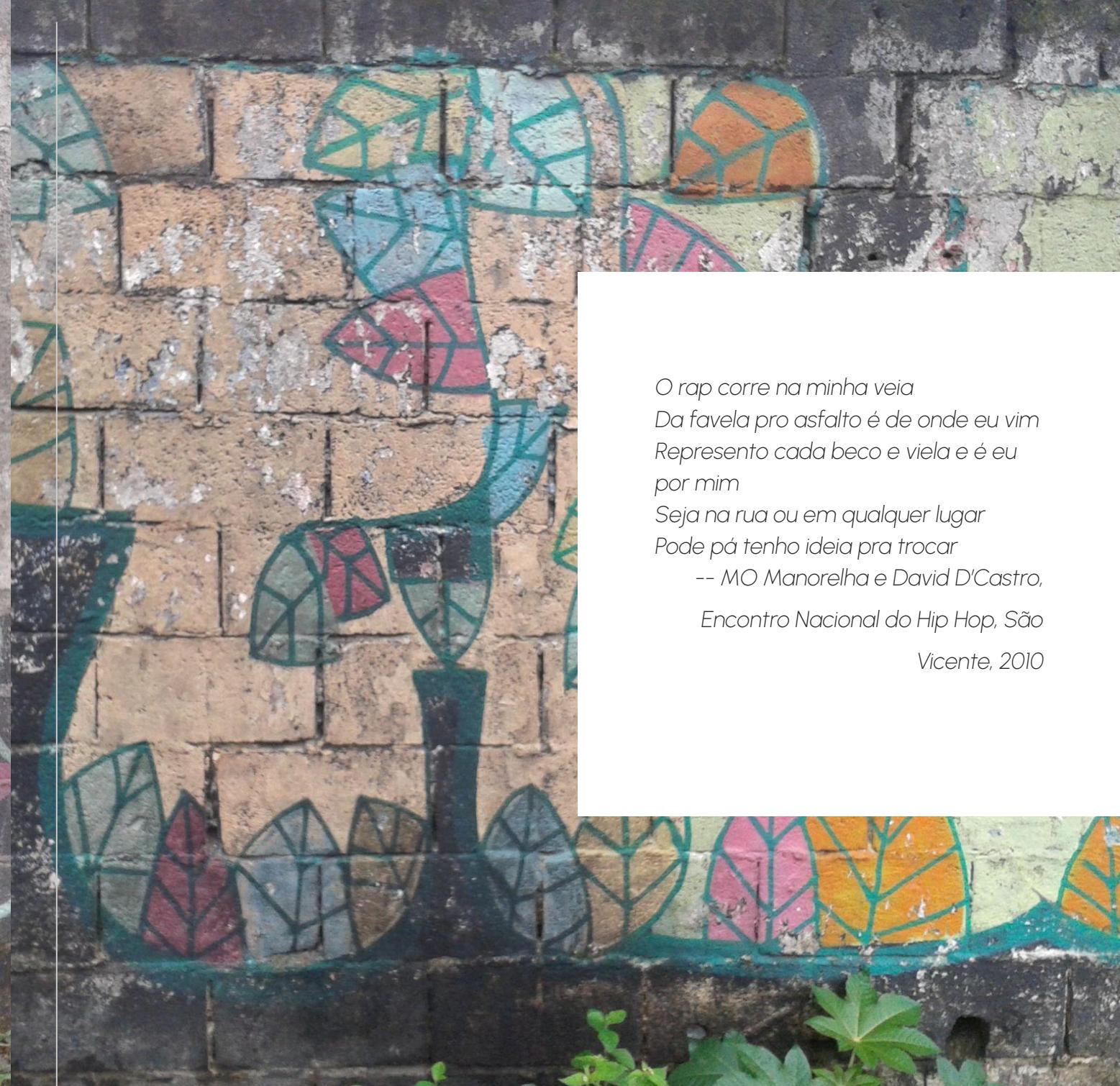
CARTOGRAFIA DE ZONEAMENTO

FONTE: DEPARTAMENTO DE OBRAS PÚBLICAS DA PREFEITURA DE SÃO VICENTE
EDITADO PELA AUTORA.

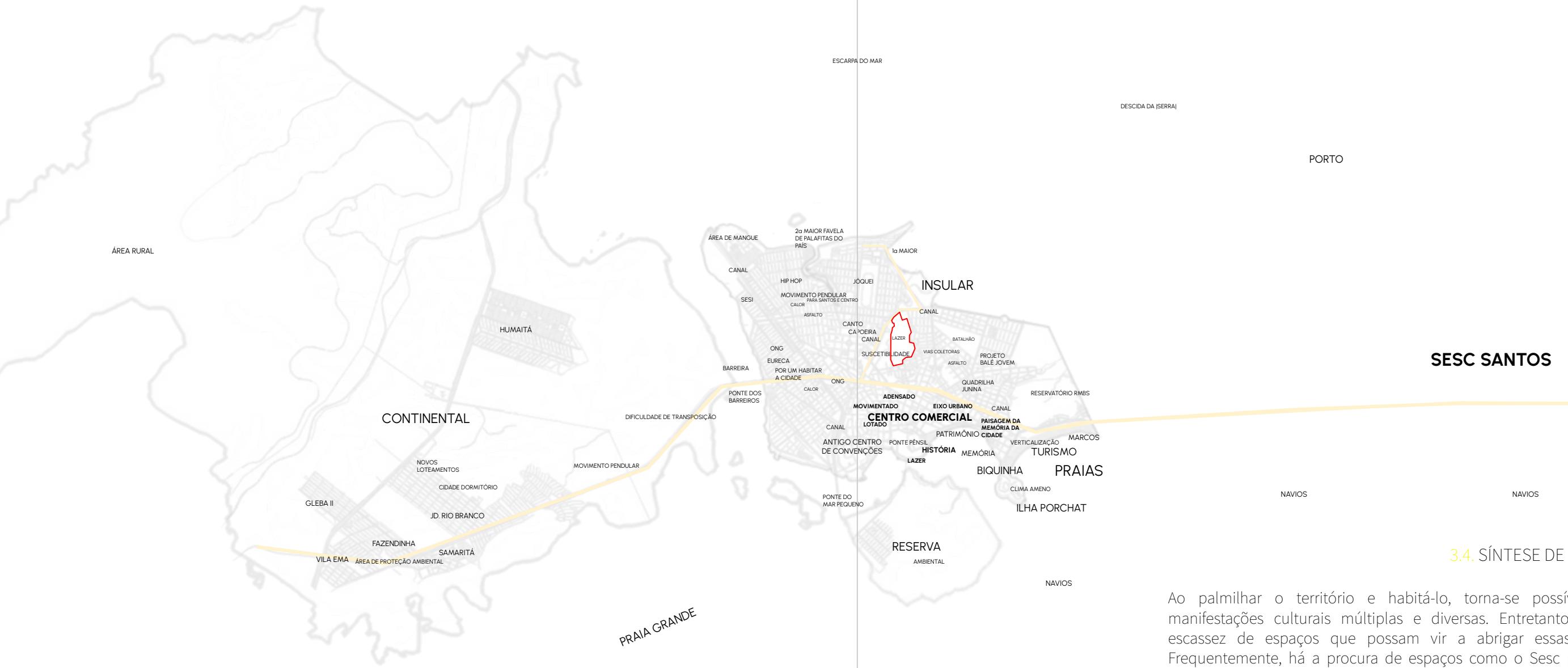




Sai, sai, Catarina
Oia saia do mar vem a ver Idalina
Coro: Sai, sai, Catarina
Oia saia do mar venha ver Catarina
Oia saia do mar venha ver a menina
Oia saia do mar venha ver capoeira
Oia saia do mar venha ver Idalina
-- Domínio Popular, versão CM Serginho
Quilombola

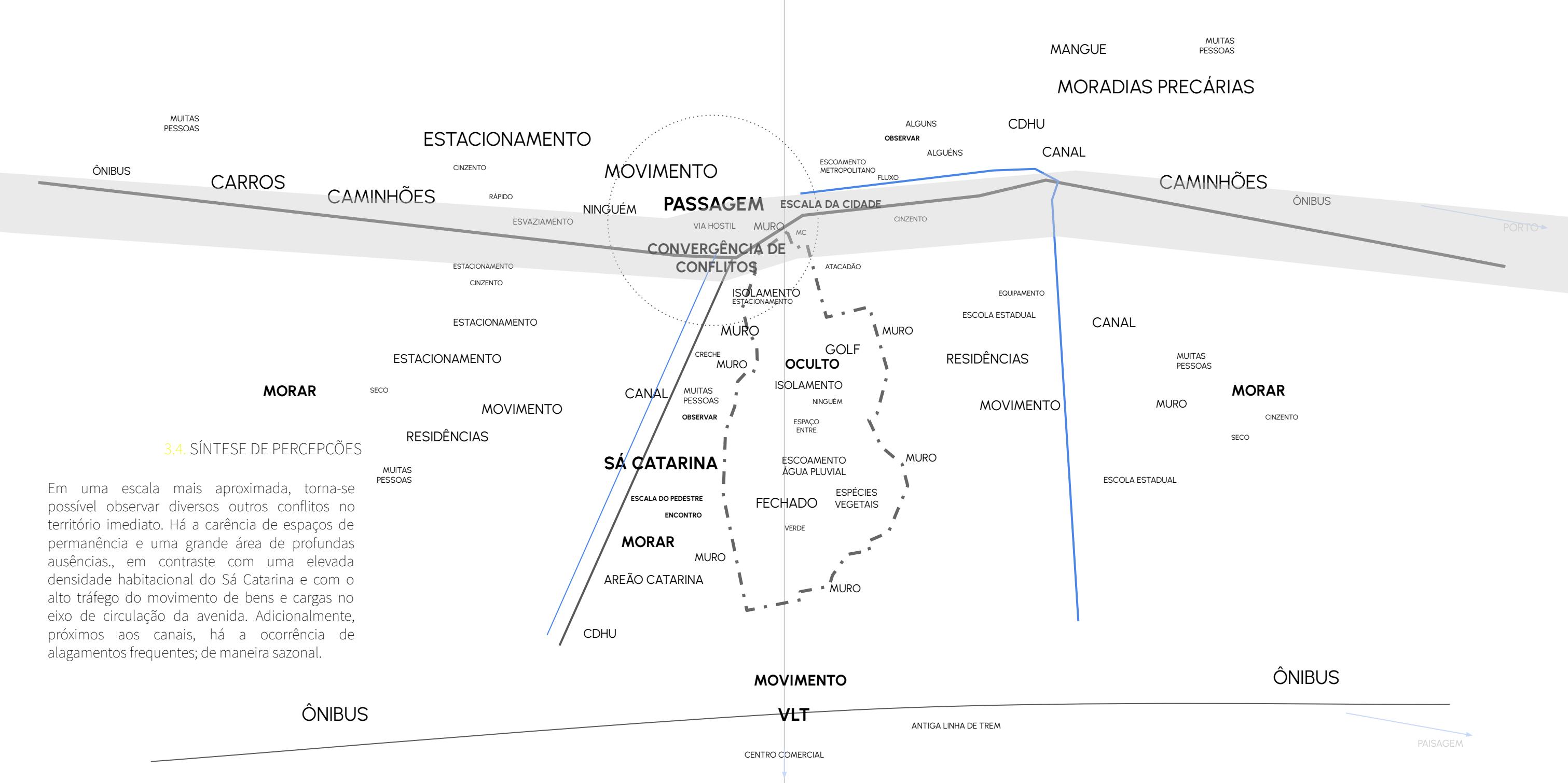


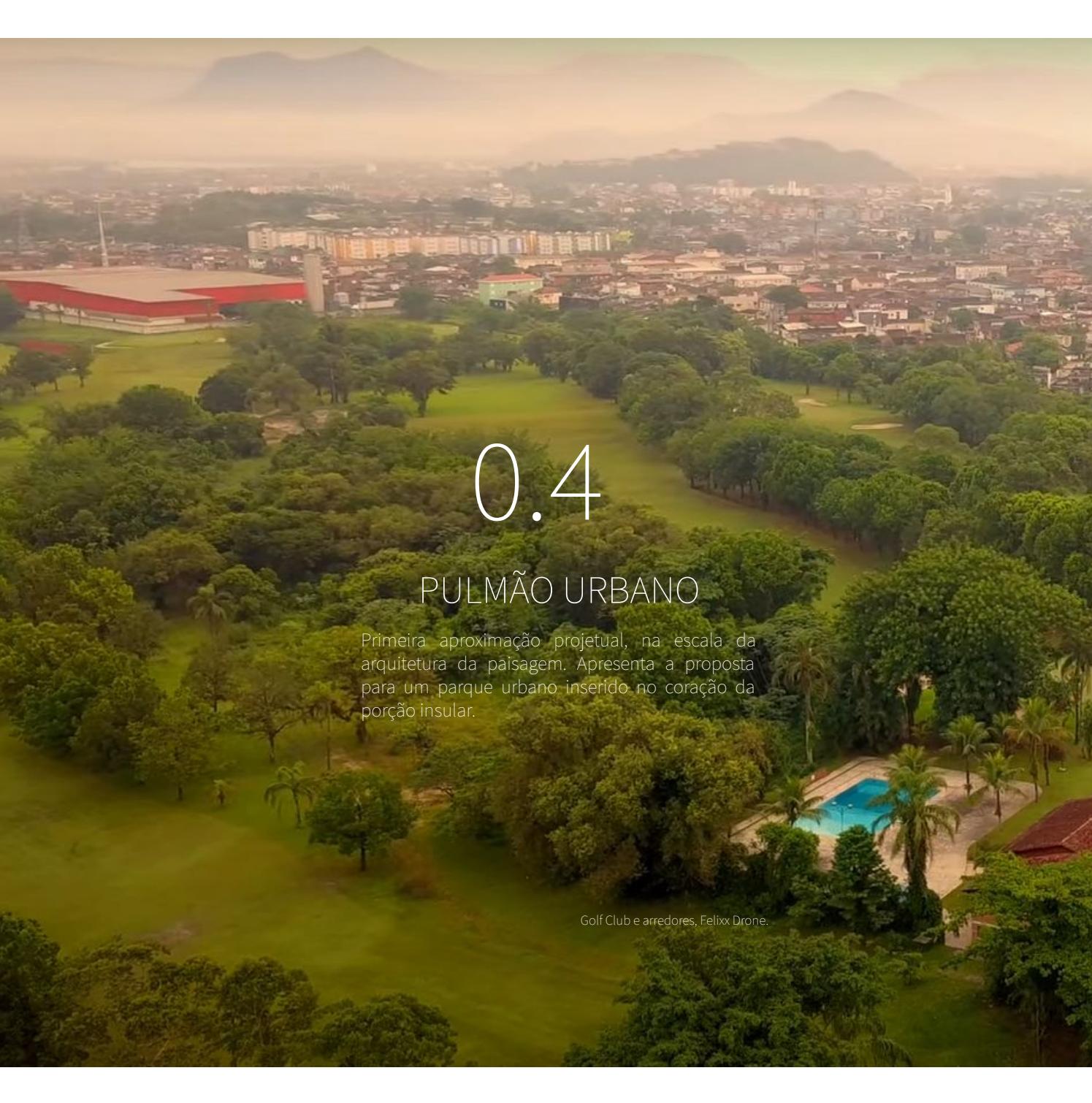
O rap corre na minha veia
Da favela pro asfalto é de onde eu vim
Represento cada beco e viela e é eu
por mim
Seja na rua ou em qualquer lugar
Pode pá tenho ideia pra trocar
-- MO Manorelha e David D'Castro
Encontro Nacional do Hip Hop, São
Vicente, 2010



3.4. SÍNTESE DE PERCEPCÕES

Ao palmilhar o território e habitá-lo, torna-se possível perceber manifestações culturais múltiplas e diversas. Entretanto, é nítida a escassez de espaços que possam vir a abrigar essas expressões. Frequentemente, há a procura de espaços como o Sesc por exemplo. Entretanto, para tal, há a necessidade de grandes deslocamentos; sendo um empecilho para muitos habitantes. Na cartografia acima destaca-se também a influência da área central em contraste à outras porções insulares.





0.4

PULMÃO URBANO

Primeira aproximação projetual, na escala da arquitetura da paisagem. Apresenta a proposta para um parque urbano inserido no coração da porção insular.

Golf Club e arredores, Felixx Drone.



Uma edificação não é o fim por si só; ela emoldura, articula, estrutura, da importância, relaciona, separa e une, facilita e proíbe. (...) O espaço arquitetônico é um espaço vivenciado, e não um mero espaço físico, espaços vivenciados sempre transcendem a geometria e a mensurabilidade. (PALLASMAA, 2011, p.60)

4.1. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

ESCALA DA CIDADE

Inhotim | Brumadinho

O Instituto Inhotim é a sede de um dos maiores acervos de arte contemporânea do país e é considerado o maior museu a céu aberto do mundo. Através de cerca de 140 hectares de uma antiga fazenda, o instituto abriga diversas galerias, land arts e uma extensa coleção botânica. Dividido em percursos e espaços, o instituto é composto por diversos projetos arquitetônicos e paisagísticos que compõem harmonicamente o conjunto, permitindo que o espaço, as cores e as formas variadas distribuídas através do percurso sejam desfrutadas gradativamente pelo visitante. Muitas das galerias surgem em meio à vegetação, dialogando com as land arts do entorno estabelecendo-se como tal. A proposta une de forma singular as dimensões de arquitetura, arte e paisagem e traz como proposta uma forma diferenciada de percebermos e vivermos o mundo contemporâneo.



Parque da Juventude | São Paulo

Situado no local onde havia o antigo Complexo Carandiru, o Parque da Juventude estende-se por cerca de 24 hectares. É uma área verde com instalações esportivas, áreas de lazer e entretenimento para diversas idades, bem como shows e eventos. A proposta foi dividida em três fases e construída em etapas. A primeira etapa, destinada principalmente à atividades esportivas, foi responsável por construir uma nova paisagem. Kliass cria topografias suaves e desenha aberturas destinadas à áreas caminháveis. A segunda etapa consiste na área central, pensada como um espaço de contemplação. A terceira e última etapa foi pensada como uma área institucional, onde se localizam a escola técnica, posto do Acessa SP, biblioteca, dois pavilhões e centro de cultura. A partir da terceira etapa, forma-se um eixo que conecta os setores central e esportivo, permitindo que o parque se desenvolva mais no futuro.



CEUs | São Paulo

A sigla caracteriza-se como Centro de Educação Unificada ou Centro de Estruturação Urbana. Inspirado nas escolas parque, o(s) projeto(s) propõe(m) a construção coletiva do lugar através de um programa amplo que discute o espaço público também como edifício e como espaço edificado. Objetivando a construção coletiva do lugar, o projeto opõe-se à escola na praça e propõe uma praça de equipamentos sociais analogamente ao que está indicado na constituição de 1988. O projeto é composto de três blocos principais distribuídos em creche, biblioteca e teatro. Porém cada bloco provê de equipamentos adicionais além de seu programa principal. No total, são 12 equipamentos em conjunto. Sua modulação e espaços como a rua corredor permitem a apropriação futura, pensando o projeto de arquitetura pública e de urbanismo como um desenvolvimento constante variando em períodos de curto, médio e longo prazo.



Instituto Pombas Urbanas | São Paulo

O Instituto Pombas Urbanas instalou a sua sede na Cidade Tiradentes, São Paulo, em 2004; revitalizando um galpão de 1,6 mil m² localizado em uma das principais vias de acesso do bairro. Na época, o bairro apresentava altos índices de vulnerabilidade social. A construção do centro acabou por alterar, através dos anos, a paisagem sócio-cultural onde atua. Houve a valorização do bairro enquanto produtor cultural e a visão de emancipação do jovem, por meio da arte e o estímulo à autonomia, viabilizando outros projetos artístico-culturais, sociais. É um espaço multiuso e em construção permanente, estabelecendo: “importantes vínculos na comunidade que possibilitam e valorizam a cultura no dia-dia do bairro. Formou e forma diariamente uma rede de moradores (jovens, crianças e seus familiares) que se envolvem diretamente no processo artístico e comunitário que fazem parte (...).”

Instituto Pombas Urbanas, s/d.



4.2. DIRETRIZES PROPOSTAS

DIRETRIZES PARA O PARQUE

Diante do cenário apresentado anteriormente e nas leituras e análises trazidas nos capítulos anteriores, alguns anseios surgem diante o potencial que essa área oferece para o município.

Assim, a proposta para um parque cultural municipal tem como intuito principal fornecer para a cidade uma área verde com potencial para receber infraestruturas verde e azul, assim como espaços de permanência edificados e/ou cobertos e espaços abertos de arte, cultura, lazer, esporte, contemplação, descanso e fruição. Para além de fornecer espaços coletivos qualificados para a cidade, há a intenção de abraçar as espécies vegetais nativas remanescentes e valorizar o papel educativo no tocante à fauna e flora que caracterizam o bioma e o imaginário sobre o local.

Portanto, foram desenvolvidas diretrizes gerais para o parque, organizadas por camadas de leitura mediante síntese de caracterização do local, apresentadas em cartografia síntese.

CARACTERIZAÇÃO

Tamponamento e/ou canalização dos corpos d'água artificialização privada do contato com a água e desconexão dos rios e canais com a cidade, com exceção das praias. Por ser originalmente insular, São Vicente possui uma relação fundamental com a sua riqueza hídrica, mas que não se expressa no cotidiano dos moradores distantes da orla. Suscetibilidade crescente de alagamentos em diversas áreas da cidade.

DIRETRIZES

Aproximar a memória da água de forma positiva no dia a dia dos habitantes

Continuar

Proteger a área permeável para a absorção de águas pluviais, de modo a evitar a sobrecarga das redes de drenagem.

Conscientizar



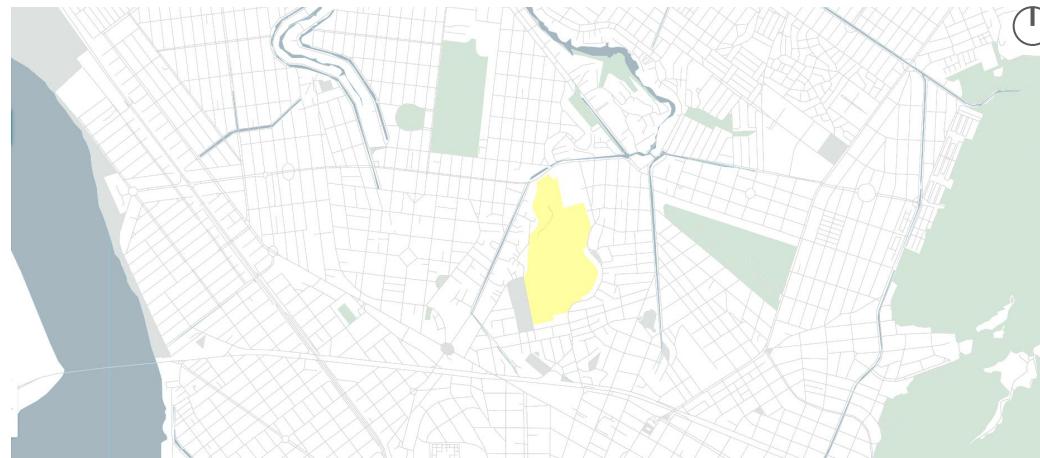
ÁGUA

CARACTERIZAÇÃO

Fragmentação dos espaços livres. Espaços concentrados e descontínuos na mancha urbana.. Pouco acesso da população à esses locais. Loteamentos e condonialização crescentes, em detrimento do interesse ambiental. Carência de espaços livres públicos de lazer e apropriação. Praças públicas desqualificadas e sem manutenção. Carência de espaços de estar e de contemplação. Abundância de terrenos vinculados a estacionamentos.

DIRETRIZES

Identificar e **proteger** a permeabilidade do solo da porção insular
Abraçar as espécies nativas remanescentes e criar um pulmão verde abrangendo um sistema programático dinâmico e diversificado
Conectar vazios.. Integrar os espaços livres qualificados à malha urbana, criando um parque central ancorado às demais adjacências..
Recuperar solo degradado e propor o uso de vegetação nativa dentro da área urbana em espaços subutilizados e livres.



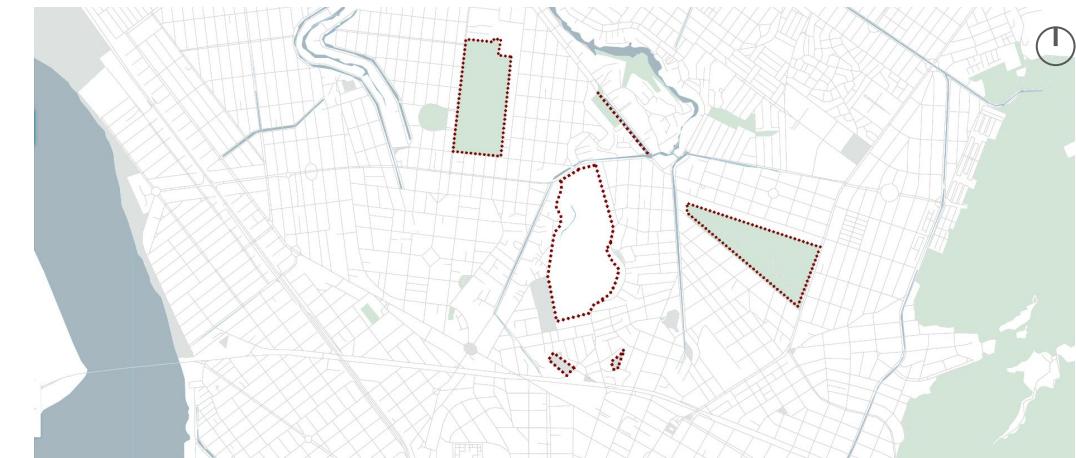
ESPAÇOS LIVRES

CARACTERIZAÇÃO

Segregação sócio-espacial
Extensa área murada bem no centro geográfico da porção insular
Bairros de rendas médias e baixa distanciados gradativamente dos equipamentos de lazer e cultura.
Ausência de grande porção da área central (geográfica) na memória dos moradores. Vazio na percepção do lugar

DIRETRIZES

Transpor
Intervir
Visibilizar



BARREIRAS

CARACTERIZAÇÃO

Espaços de passagem em detrimento dos espaços de estar. Priorização de carros e caminhões em detrimento dos pedestres. Vias hostis sem canteiro central e com calçadas precárias. Travessias de pedestres e ciclistas em vias expressas e arteriais pouco qualificadas. Deslocamentos pendulares diários por motivos de trabalho, estudo, saúde, lazer e outros. Em 2018, o município apresentava 45,7% das viagens diárias não motorizadas. Adicionalmente, 66% das viagens motorizadas eram realizadas por transporte coletivo.

DIRETRIZES

Prover infraestrutura básica para travessia pedonal na via de acesso principal
Requalificar parada de ônibus.
Desconcentrar equipamentos da área do centro comercial e histórico.
Expandir percurso cicloviário e articular sistema de espaço livre com os modais VLT e cicloviário no eixo norte/sul do parque



MOBILIDADE

CARACTERIZAÇÃO

Patrimônio histórico degradado e simbólico. Escolas desvinculadas dos equipamentos de lazer e áreas livres. Ausência de equipamentos artístico-culturais no município. Falta de equipamentos de educação sócio-ambiental. Carência de espaços de apropriação sócio-cultural vinculados a espaços de estar, fora da orla balneária.

DIRETRIZES

Contar e reescrever
Integrar
Conscientizar
Participar



EQUIPAMENTOS

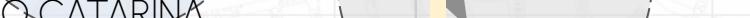
DIRETRIZES PROPOSTAS CARTOGRAFIA SÍNTSE

SA CATARINA DE MORAIS E CANAL DO RIO DO BUGRE ÁREA DE ESTACIONAMENTOS E RESIDENCIAL ALTO FLUXO

DIQUE DAS CAIXETAS E RIO DO BUGRE

RESIDENCIAL

PROJETO AREÃO CATARINA



SETOR DE ARTE, MEMÓRIA E CULTURA

ARTE É SETOR
NTEMPLOSÃO

SETOROS
LÚDICO,
ESPAÇO
NATURALIZADO

SETOR 04
SITES

RECORTE 01

ESTRUTURAÇÃO DO PROJETO EM 4 SETORES

DIRETRIZES

Dentro desse contexto, são propostas como diretrizes PRINCIPAIS:



Permeabilidade
Respeitar a área de escoamento natural de águas.^º



Contexto urbano
Respeitar o entorno. Levar em consideração o contexto sócio-espacial. Cruzamento favela, clube, bairro.



Município
Centro cultural em escala municipal



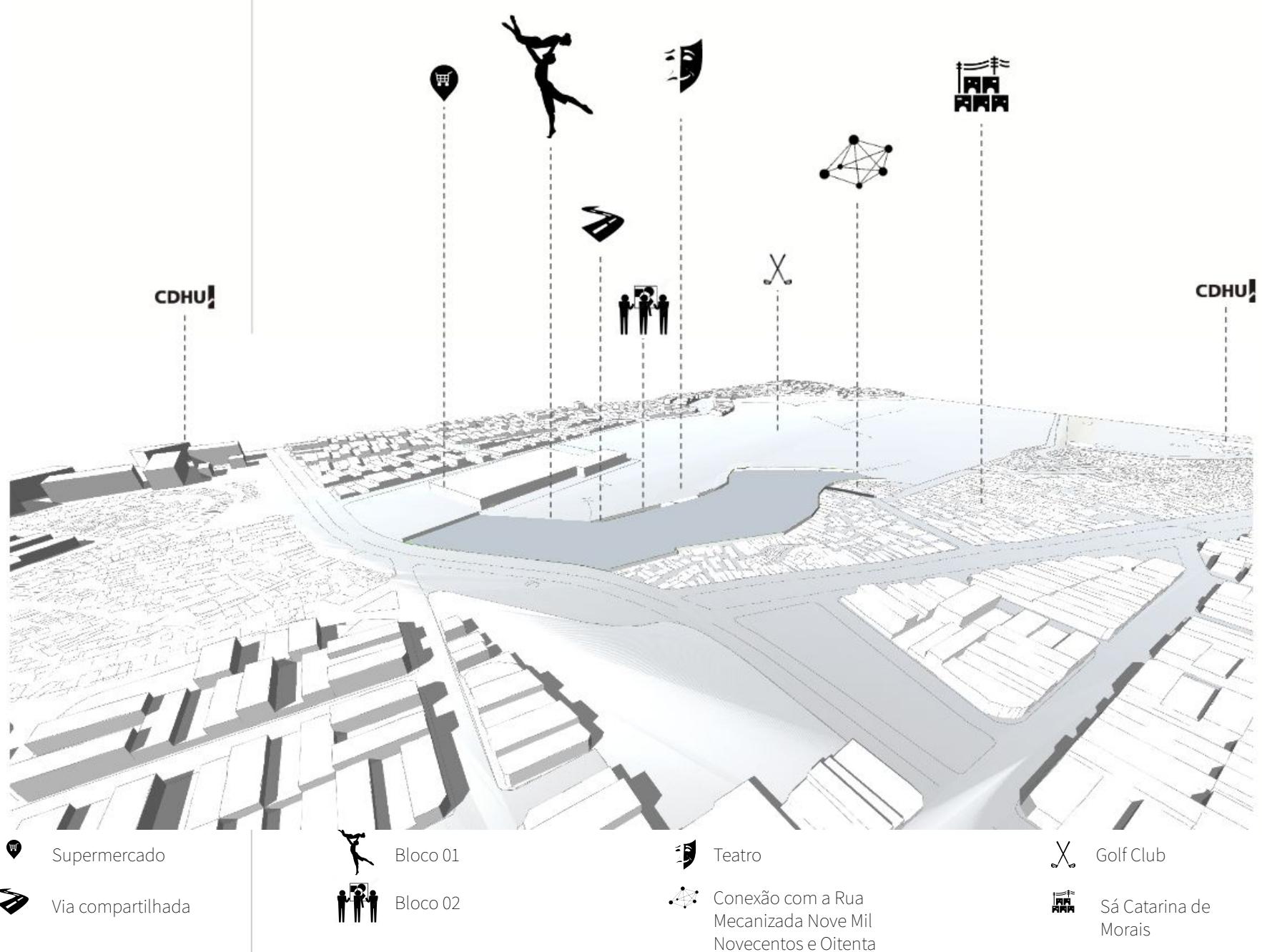
Áreas verdes
Adotar sistema de áreas verdes livres e estabelecer espaços de permanência.



Diversidade de manifestações
Atender as necessidades culturais do município, em suas várias formas de manifestação.



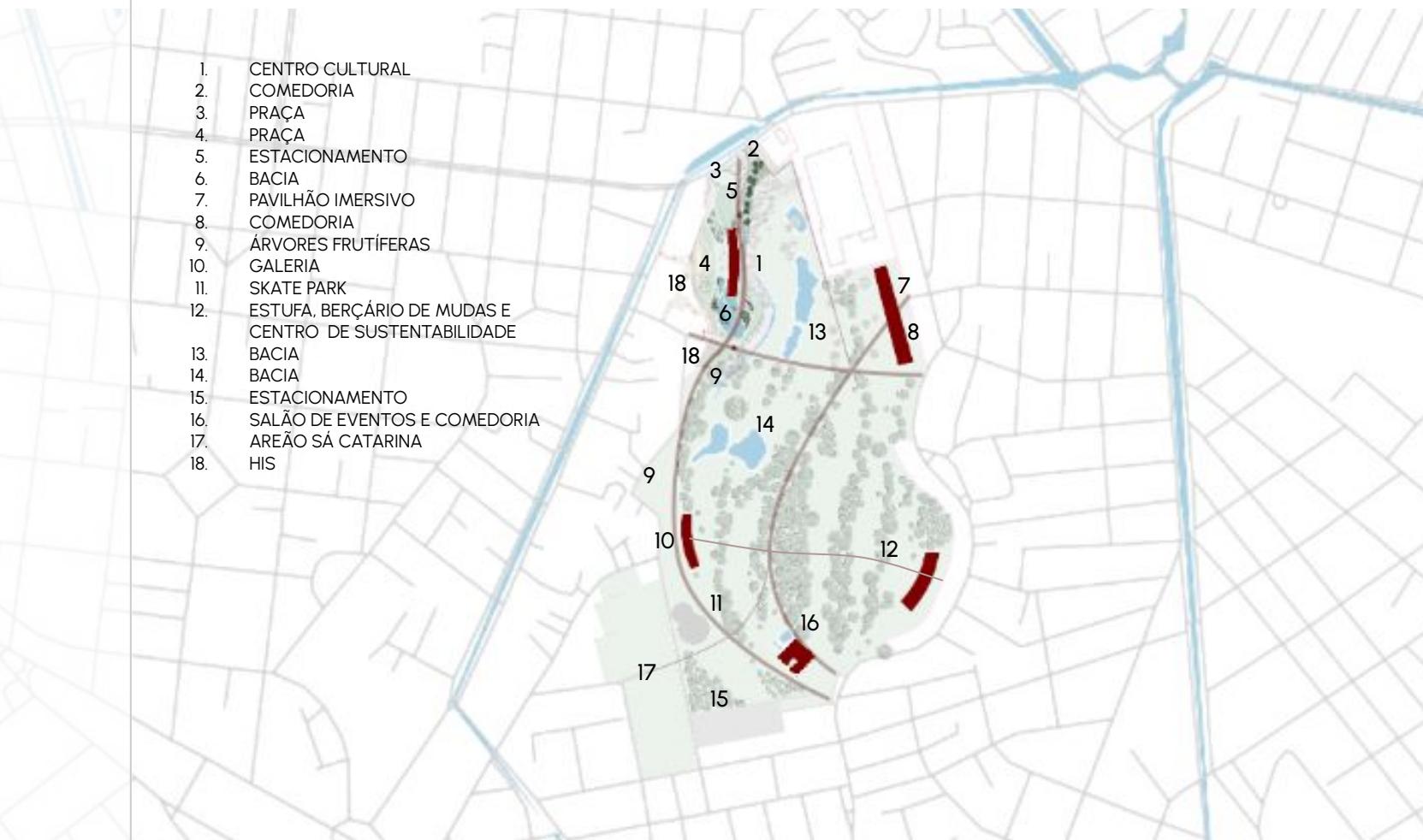
Inclusão socioeconômica
Atender variadas classes socioeconômicas e permitir que novos sonhos sejam possíveis através da educação e inclusão artística e cultural.



4.3. PARQUE CULTURAL CATIAPOÃ plano de massas

Objetivando propor um imaginário para a área diferente daquele que está sendo proposto atualmente, foi desenvolvido, através de uma sequência de estudos de implantação e volumetria, um plano de massas inicial. Os estudos de plano de massas foram desenvolvidos forma a desenhar o espaço e organizar no território programas diversos. O parque dialoga com as comunidades, com a cidade e com o complexo esportivo Areão Catarina. O programa inclui um centro cultural que será desenvolvido posteriormente, assim como comedoria, praças, habitações de interesse social (HIS), galeria, pavilhão, entre outros. Compreende também, como pré-existência, a sede do golf club, mantido como salão de eventos e comedoria.

1. CENTRO CULTURAL
 2. COMEDORIA
 3. PRAÇA
 4. PRAÇA
 5. ESTACIONAMENTO
 6. BACIA
 7. PAVILHÃO IMERSIVO
 8. COMEDORIA
 9. ÁRVORES FRUTÍFERAS
 10. GALERIA
 11. SKATE PARK
 12. ESTUFA, BERÇÁRIO DE MUDAS E
CENTRO DE SUSTENTABILIDADE
 13. BACIA
 14. BACIA
 15. ESTACIONAMENTO
 16. SALÃO DE EVENTOS E COMEDORIA
 17. AREÃO SÁ CATARINA
 18. HIS



plano de massas 3d

1. CENTRO CULTURAL
2. COMEDORIA
3. PRACA
4. PRACA
5. ESTACIONAMENTO
6. BACIA
7. PAVILHÃO IMERSIVO
8. COMEDORIA
9. ÁRVORES FRUTÍFERAS
10. GALERIA
11. SKATE PARK
12. ESTUFA, BERÇÁRIO DE MUDAS E CENTRO DE SUSTENTABILIDADE
13. BACIA
14. BACIA
15. ESTACIONAMENTO
16. SALÃO DE EVENTOS E COMEDORIA
17. AREÃO SÁ CATARINA
18. HIS



De maneira complementar, o plano proposto tem como objetivo priorizar o espaço verde como área principal de percolação de águas pluviais da porção insular do município e propor que os espelhos d'água construídos para fins esportivos e estéticos tenham potencial para transformarem-se em pequenos pontos de retenção de água e passem a incorporar um sistema de drenagem. Propõe-se também que o desnível do terreno a norte transforme-se de uma bacia de retenção seca para uma bacia de retenção de nível permanente.

4.4. PARQUE CULTURAL CATIAPOÃ

arquitetura da paisagem
percursos, espécies e percepções



implantação

Posteriormente, foi trabalhada a implantação final para o parque, desenvolvendo a arquitetura da paisagem em escala urbana. Através de novos desenhos de acesso, caminhos, percursos e novas proposições vegetais, agregam-se novas possibilidades de percepção do espaço livre vegetado.



espécies pré-existentes

1. CENTRO CULTURAL
2. COMEDORIA
3. PRAÇA
4. PRAÇA
5. ESTACIONAMENTO
6. BACIA
7. PAVILHÃO IMERSIVO
8. COMEDORIA
9. ÁRVORES FRUTÍFERAS
10. GALERIA
11. SKATE PARK
12. ESTUFA, BERCÁRIO DE MUDAS E CENTRO DE SUSTENTABILIDADE
13. BACIA
14. BACIA
15. ESTACIONAMENTO
16. SALÃO DE EVENTOS E COMEDORIA
17. AREÃO SÁ CATARINA
18. HIS
19. LAND ART
20. ASPERSORES INTERATIVOS

4.4.1 especificação vegetal



1. figueira



2. mulungu-do-litoral



3. manacá-da-serra



4. *Clusia hilariana* Schiltl



5. vinhático



6. caju-da-praia

Foram trabalhados novos elementos vegetais junto às espécies pré-existentes. Buscou-se trabalhar a disposição vegetal, prioritariamente, de acordo com o bioma de restinga; característico com o local e característico de áreas de baixa altitude da mata atlântica. Ademais, as espécies apresentadas agregam aspectos variados, como coloração e períodos alternados de floração como artifício experencial ao longo do ano.



4.4.1 especificação vegetal



2. *Euterpe edulis*
(Palmito-juçara)



3. *Dypsis leptocheilos*
(Palmeira-de-pescoço-peludo)



1. *Cocos nucifera*
(Coqueiro)



4.4.1 especificação vegetal



2. Agave azul



3. Palmeira Allagoptera
Arenaria



4. Strelitzia
reginae



5. Branquinha-tricomada
Alternanthera brasiliiana



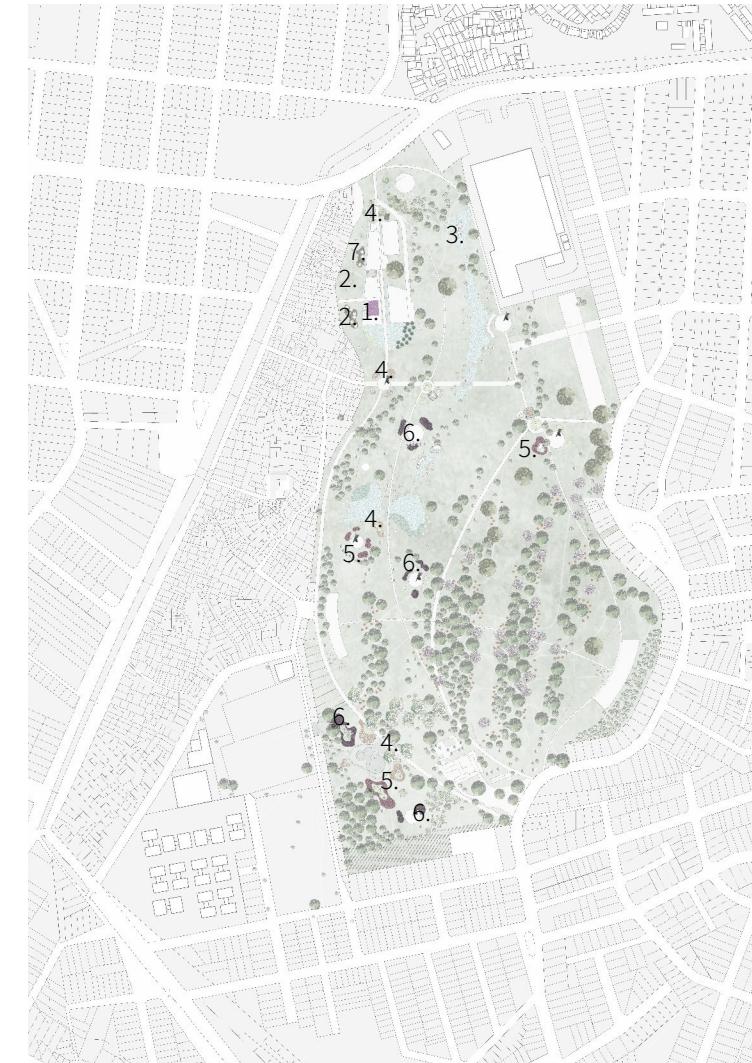
6. Trapoeraba roxa



7. Eugenia Dichroma



1. *Cordyline fruticosa* 'Calypso Orange'



4.4.1 especificação vegetal



1.Gota de orvalho



2.Canavalia rosea

4.4.1 especificação vegetal



1.chapéu de couro
Echinodorus grandiflorus



2.bico-de-pato
Eichhornia azurea (Sw.) Kunth



3.dama-dos-lagos
Pontederia cordata L.



4.*Acrostichum aureum*





0.5

PARQUE CULTURAL CATIPOÃ

Em uma segunda aproximação de recorte, apresenta uma proposta de edifício para um centro cultural conectado à comunidade Sá Catarina e à natureza dos espaços livres.

Golf Club e arredores, Felixx Drone.

5.1. REFERÊNCIAS PROJETUAIS

ESCALA DO EDIFÍCIO

Jardins De Burle Marx | Variados

De extrema importância para o paisagismo brasileiro e internacional, Burle Marx foi também artista plástico, pintor, desenhista, entre outros. Seus projetos propõem a descoberta da natureza, através da riqueza da flora e de novos cotidianos. Discutindo a estética topical, Burle Marx trabalha forma e cor desenhando perspectivas do projeto, atentando-se para a experiência sensorial do visitante e da série sequencial de perspectivas que será realizada através do percorrer do projeto. Seus jardins criam lugares remetendo à expressão e ao caráter que estabelece para cada projeto, trabalhando no modernismo os elementos naturais e ressignificando a arquitetura do edifício.



Casa Comprida Com Um Engawa | Yachiyo, Japão.

A tradução literal do nome original do projeto seria algo como “Engawa de dois kens e meio”, sendo engawa o espaço responsável por conectar o espaço interior do exterior e ken a unidade de medida tradicional, equivalente a aproximadamente 1,818 metros. Assim, a edificação de Yamazaki Kentaro Design Workshop possui cerca de 4,5m largura por 180 de comprimento e destina-se à ser um espaço de encontro e convívio da comunidade local, abrigando espaços tradicionais comuns como cozinha, café, oficina, salas abertas, hanare, ofurôs, sanitários e outros. Os espaços são dispostos longitudinalmente, divididos em pequenas partições, porém interconectados entre si e com a natureza ao seu redor.



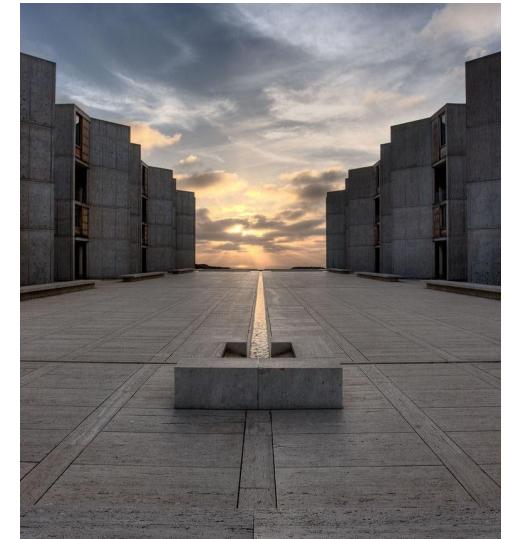
SESC Pompeia | São Paulo

Sob o nome de Centro de Lazer Fábrica da Pompéia, hoje conhecido como SESC Pompeia, foi desenvolvido por uma equipe comandada por Lina entre 1977 a 1986. O conjunto possui três volumes prismáticos além dos galpões que foram redesenhados para abrigar as novas funções. Como uma cidadela, o projeto é cortado por uma rua central, permitindo a apropriação dos espaços de passagem. Adicionalmente, na planta do teatro, Lina Bo Bardi centraliza o palco entre duas platéias e abre o espaço para o público exterior nas laterais, trabalhando novas explorações e simbologias do espaço cênico para além do teatro convencional e do teatro de arena, assim como faz em seu projeto para o Teatro Oficina, também em São Paulo



Salk Institute | Califórnia, Estados Unidos.

Iniciado em 1959, o projeto encomendado por Jonas Salk a Louis Kahn localiza-se na cidade de La Jolla, Califórnia. O projeto compreende os espaços como dotados de efemeridades através do tempo, assim, as instalações teriam de ser abertas, amplas e adaptáveis para o desenvolvimento de novas tecnologias e necessidades. Ao mesmo tempo, deveria ser receptivo e agradável para seus usuários. Assim, Kahn opta por setorizar o projeto em três partes e trabalhar a forma em três partes e desenhar fendas cortadas por pequenas pontes. Kahn trabalha a água como elemento do edifício, trabalha a forma, o vazio e a luz de forma artística e direcionadora do olhar.



5.1. DIRETRIZES

Dentro desse segundo recorte de projeto, propõe-se novamente as mesmas diretrizes, aproximando-se a escala de desenho e unindo-as à especificação de programas complementares à necessidade do entorno.



Permeabilidade
Respeitar a área de escoamento natural de águas .°



Contexto urbano
Respeitar o entorno. Levar em consideração o contexto sócio-espacial. Cruzamento favela, clube, bairro.



Município
Centro cultural em escala municipal



Áreas verdes
Adotar sistema de áreas verdes livres e estabelecer espaços de permanência.



Diversidade de manifestações
Atender as necessidades culturais do município, em suas várias formas de manifestação.



Inclusão socioeconômica
Atender variadas classes socioeconômicas e permitir que novos sonhos sejam possíveis através da educação e inclusão artística e cultural.

PERCURSOS



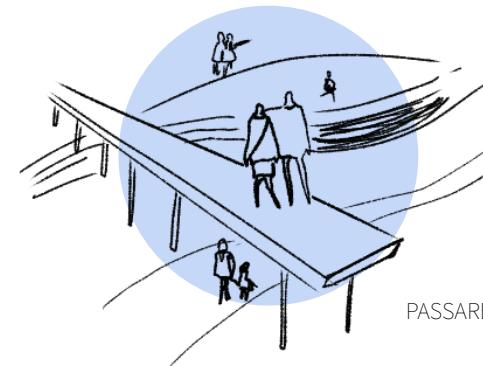
PAVIMENTAÇÃO VARIADA E
ACESSÍVEL



BANCOS



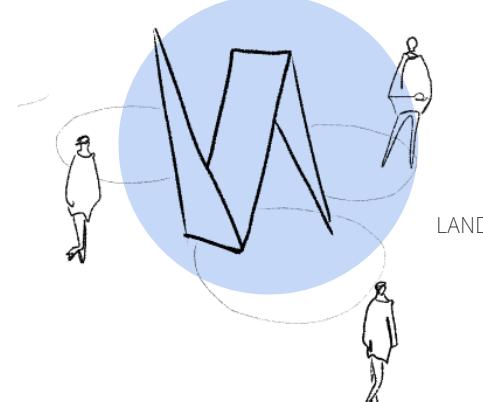
PLAYGROUND



PASSARELA ELEVADA



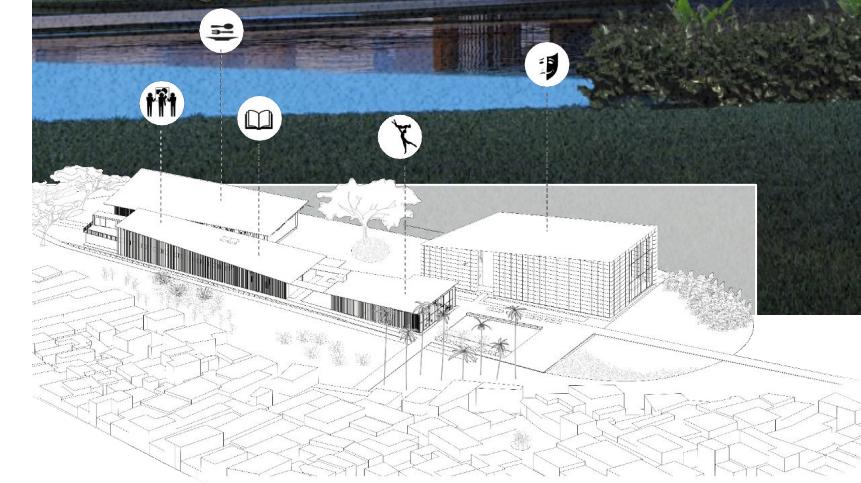
COBERTURA



LAND ART

ESTAR

ATIVIDADES



Perspectiva volumétrica e programática.
Atividades de contraturno infantil e adulto, biblioteca,
restaurante-escola, salas de ensaio e teatro multiuso.

Perspectiva do teatro a partir do lago, sentido sul-norte.

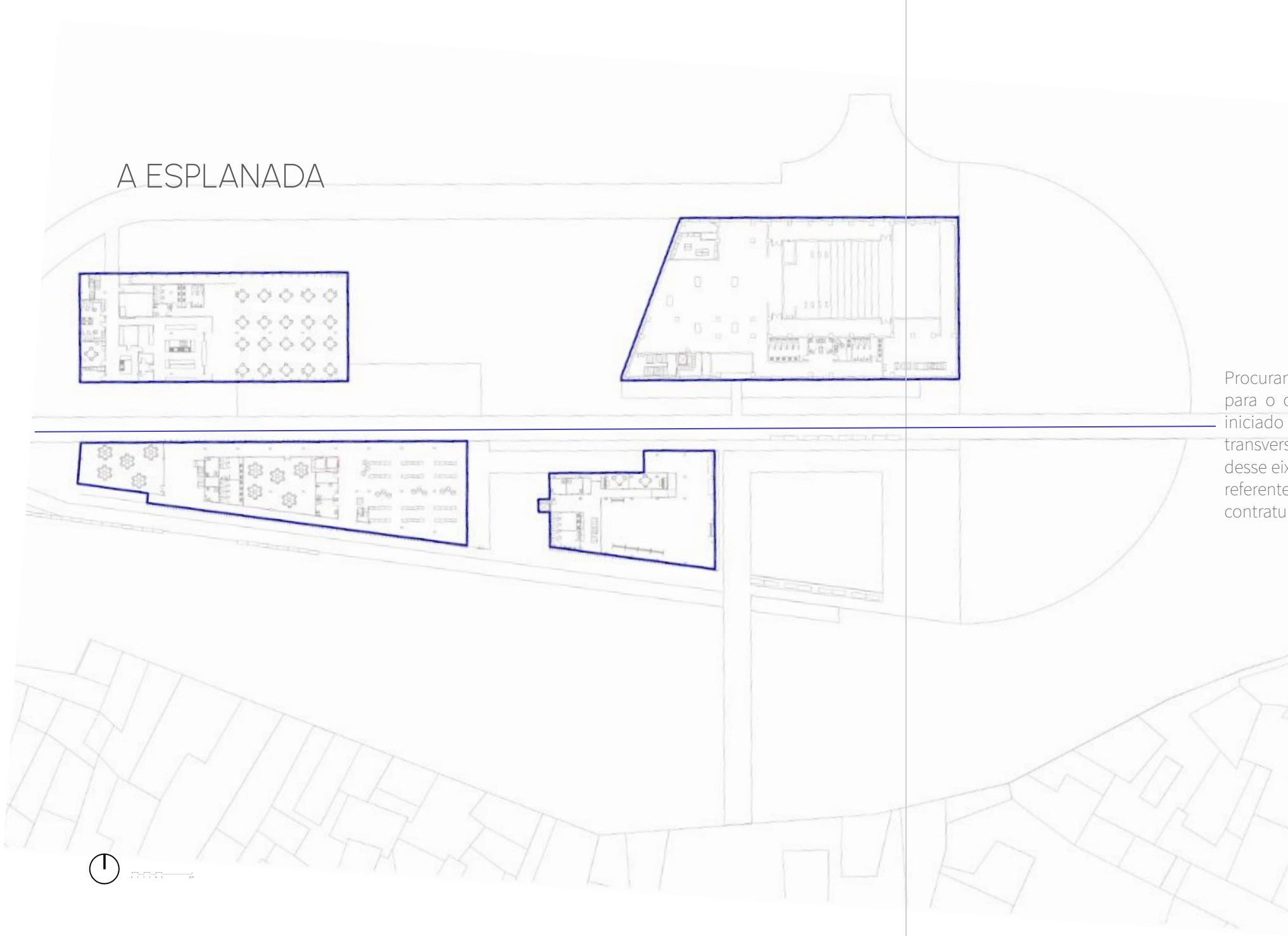
O projeto para o edifício do centro cultural busca integrar as necessidades programáticas ao espaço livre do parque, de maneira a criar um espaço contínuo interior-exterior ao edifício. Assim, discute-se o espaço livre público não apenas como um corpo edificado, mas a possibilidade de integração à espaços de permanência abertos.

Dessa forma, o palco do teatro abre-se para o parque tendo vista direta para o lago e um conjunto de damas-dos-lagos colocadas nessa borda. De maneira similar, as demais volumetrias também abrem-se para o parque, com perspectivas variadas sobre a vegetação.

O teatro estrutura-se através de uma estrutura mista de concreto protendido e vigas metálicas, tendo o seu fechamento realizado por caixas modulares de gabião sustentadas por uma estrutura metálica interna. Já as demais volumetrias são realizadas por estrutura em madeira lamenada colada, com o fechamento em placas pré-fabricadas de madeira.

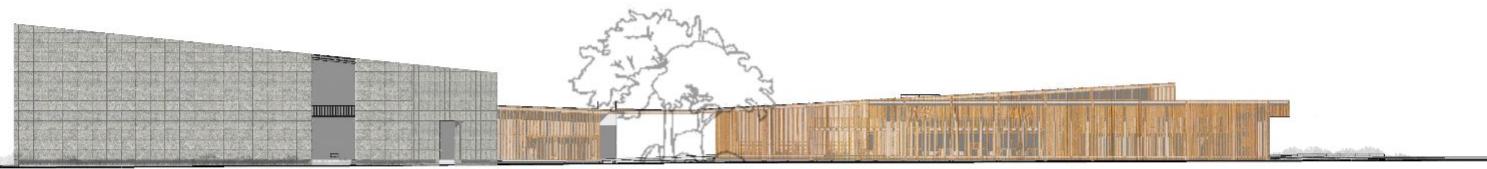
A materialidade da madeira repete-se no interior do teatro, desfrutando de aspectos acústicos e convidativo junto à materialidade do tecido acústico. Adicionalmente, a materialidade da pedra se repete ao longo dos demais volumes, conformando espaços de sentar ao longo dos desníveis criados para receber as estruturas de mtc.

A ESPLANADA

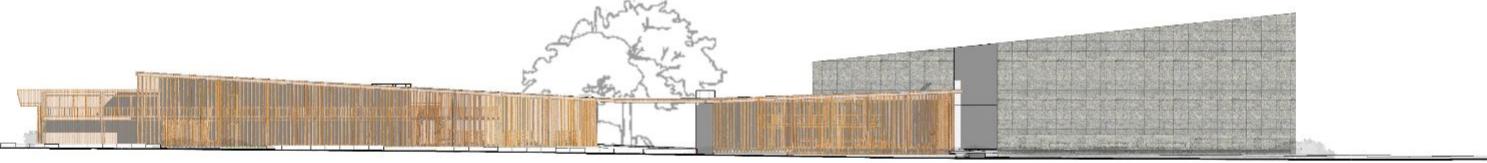


Procurando dialogar com a comunidade e com o parque, o projeto para o centro cultural se estrutura ao longo de um eixo único iniciado na Avenida Penedo, formando assim uma explanada transversal ao longo do terreno do antigo estacionamento. A partir desse eixo, se organizam quatro blocos que abrigam os programas referentes à um teatro, salas de ensaio, midiateca, atividades de contraturno e um restaurante escola.

ELEVAÇÕES



ELEVAÇÃO OESTE



ELEVAÇÃO LESTE



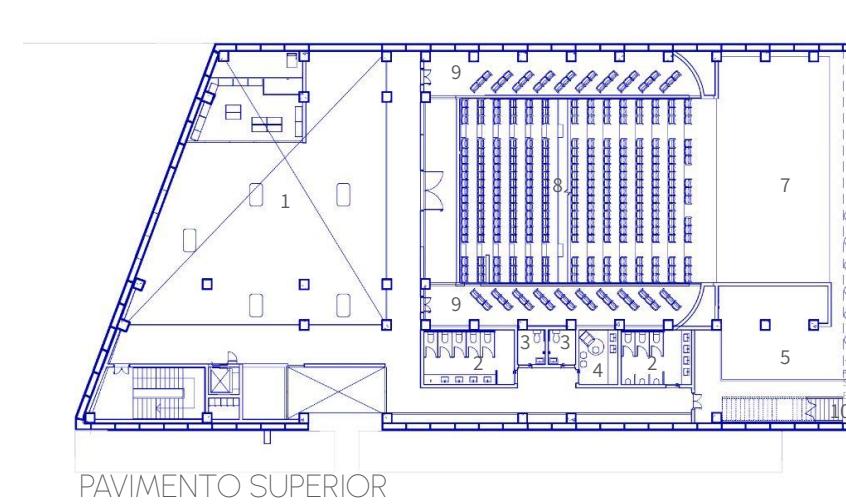
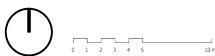
ELEVAÇÃO NORTE



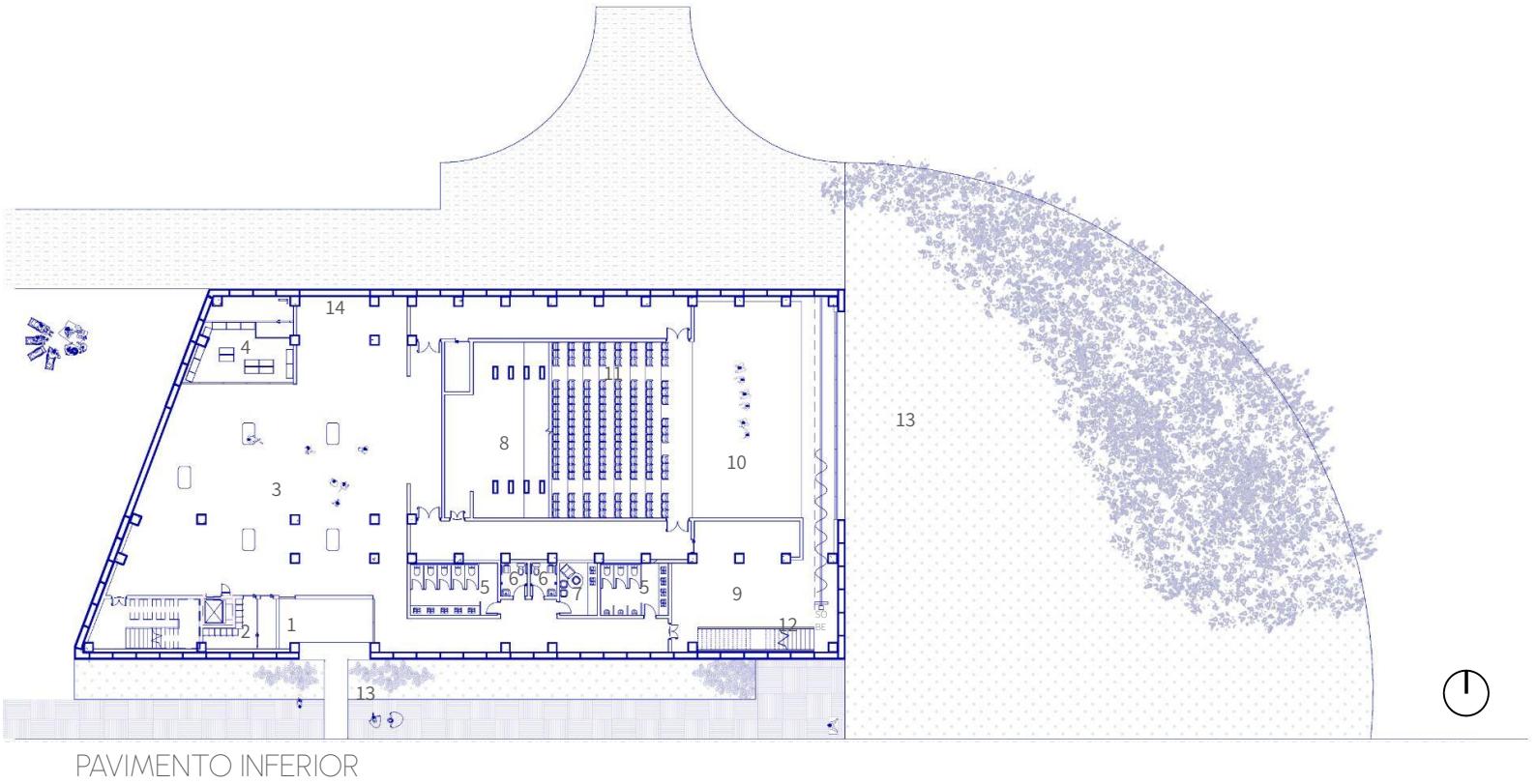
ELEVAÇÃO SUL

O TEATRO

RECEPÇÃO 1
 GUARDA-VOLUMES 2
 FOYER 3
 LOJINHA 4
 SANITÁRIOS 5
 SANITÁRIO ADAPTADO 6
 FRALDÁRIO 7
 CAMARINS 8
 COXIA 9
 PALCO 10
 AUDITÓRIO 11
 ACESSO POLIAS E TÉCNICA 12
 ESPelho D'ÁGUA 13
 ACESSO SECUNDÁRIO 14



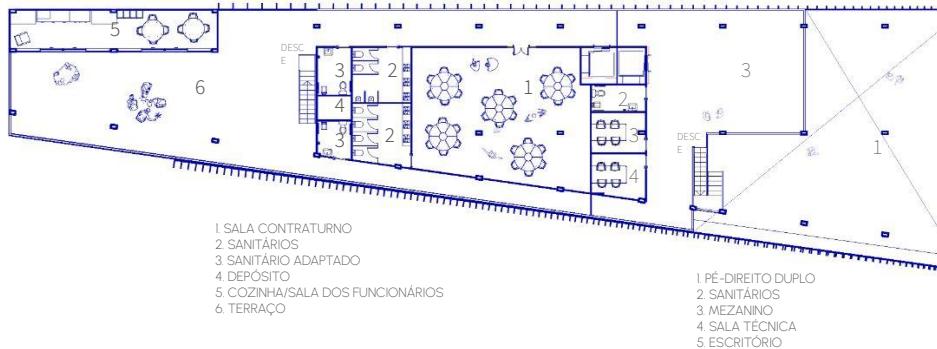
1 PÉ-DIREITO DUPLO
 2 SANITÁRIOS
 3 SANITÁRIO ADAPTADO
 4 FRALDÁRIO
 5 COXIA
 7 PALCO
 8 AUDITÓRIO
 9 AUDITÓRIO LATERAL
 10 ACESSO POLIAS E TÉCNICA





Perspectiva interna do teatro.

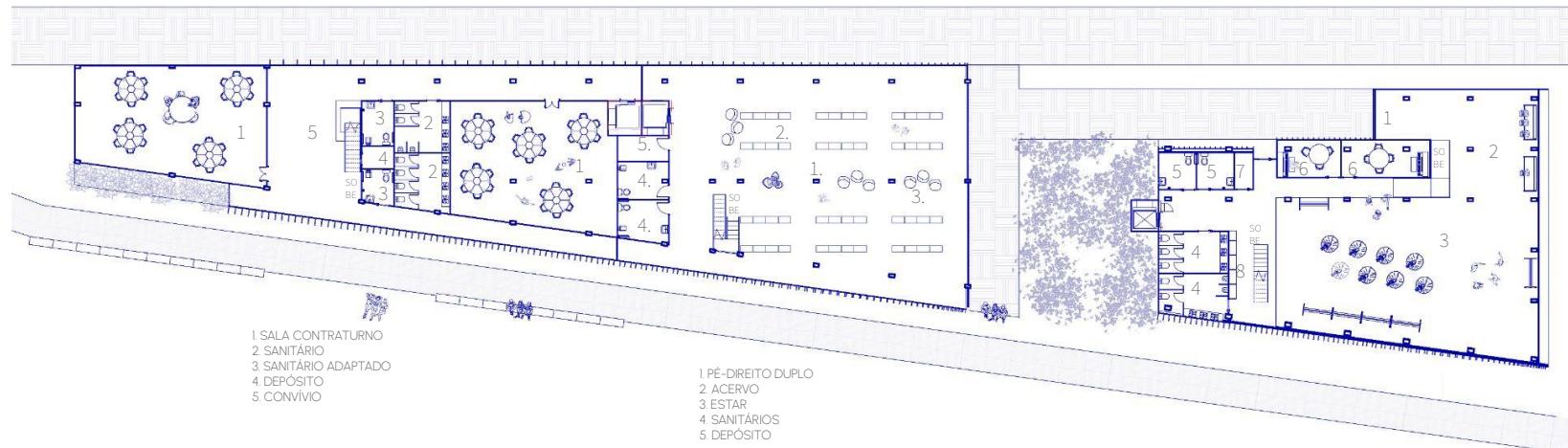
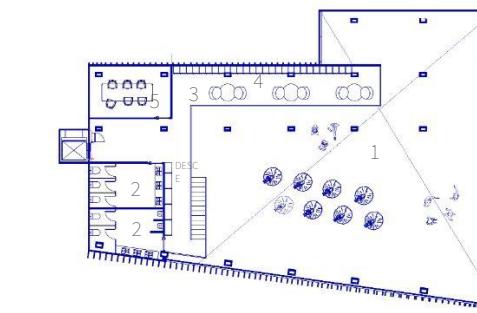
O CONTRATURNO



PAVIMENTO SUPERIOR

A MIDiateca

O ESPAÇO DE ENSAIO



PAVIMENTO INFERIOR

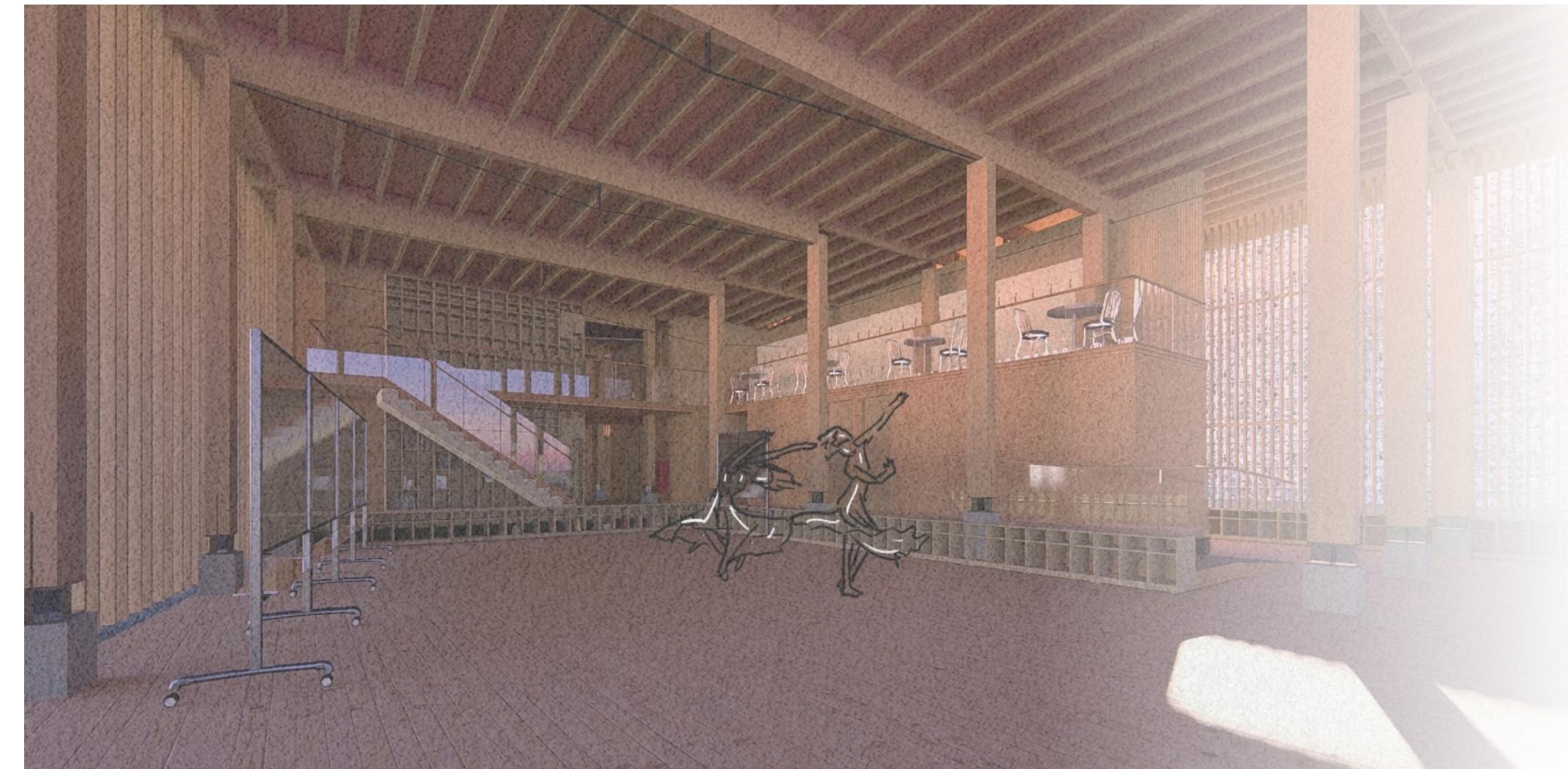




Perspectiva interna sala de contraturno infantil (manhã e tarde) e adulto (período noturno).

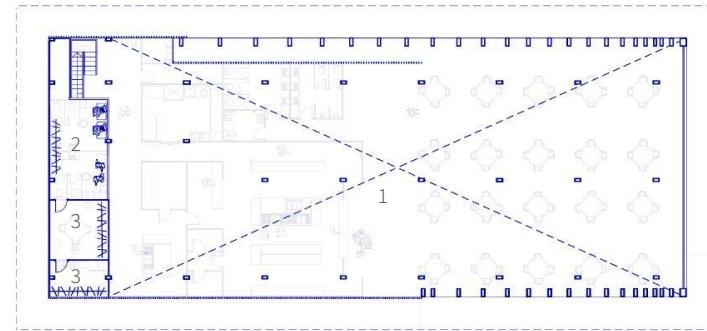


Perspectiva interna midiateca.

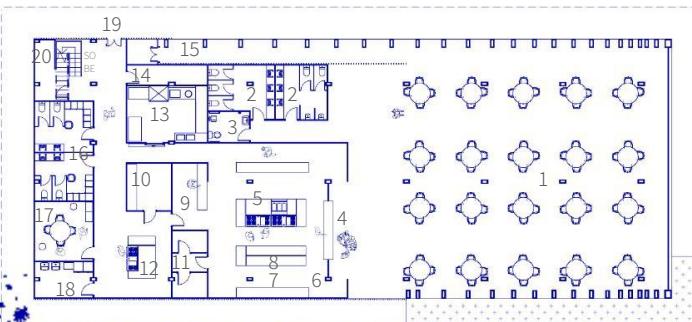


Perspectiva interna sala de ensaio.

RESTAURANTE ESCOLA

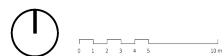
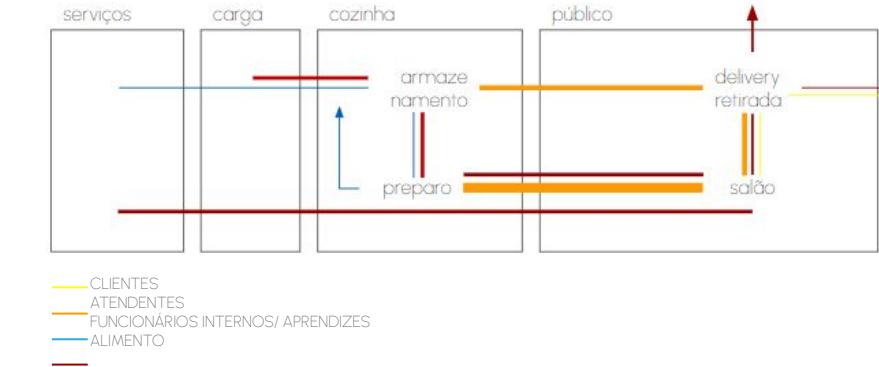


PAVIMENTO SUPERIOR



PAVIMENTO INFERIOR

FLUXO DE CIRCULAÇÃO

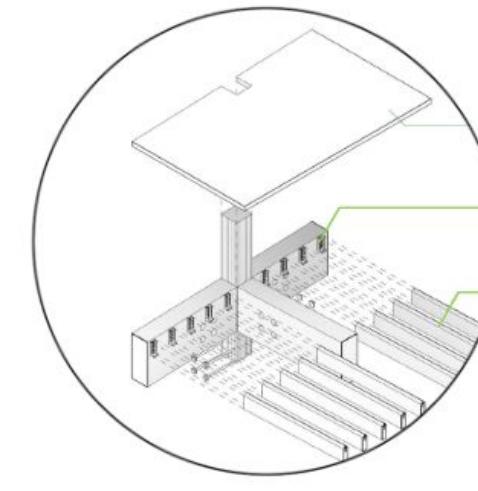
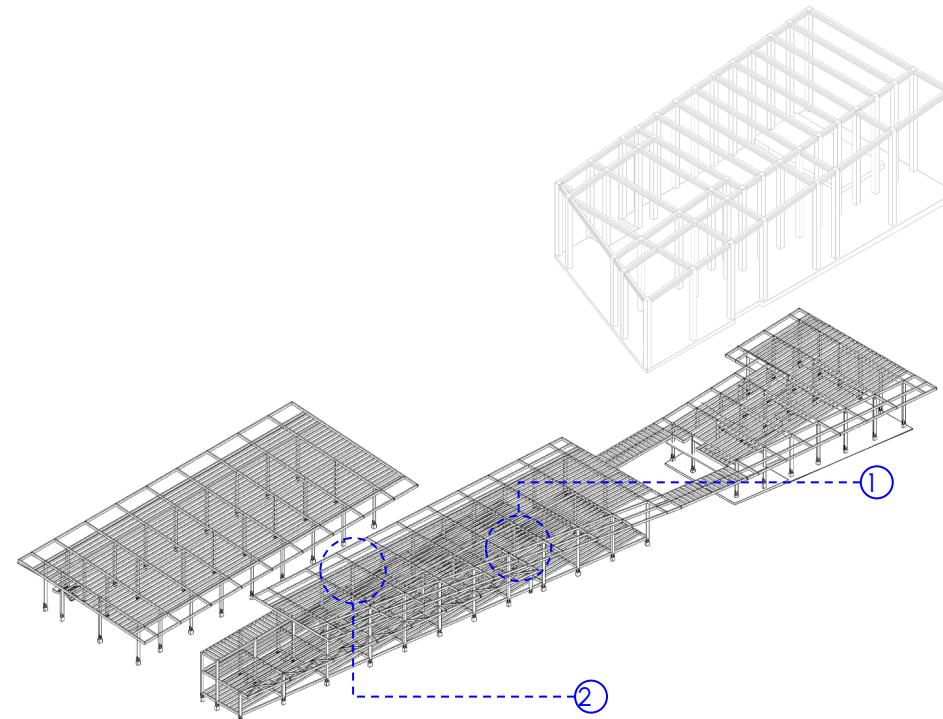




Perspectiva interna restaurante-escola.



Perspectiva interna restaurante-escola.



0 0,5 1 m

Acabamento de piso em grafite

Manta de impermeabilização

Laje:

- Argamassa de nivelamento traço 1:0,5:1 (cimento, cal, areia)
- Tela de estuque e tubulação elétrica
- Concreto traço 1:2:4 (cimento, areia brita)

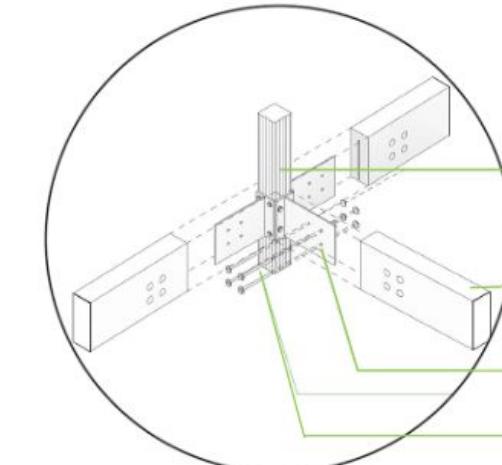
Tela soldada para concreto, em aço CA50

Peça metálica em aço EM 10346 S250GD+Z com proteção Z275 face à corrosão, BSIS "ROTHOBLAAS"

Parafuso autoperfurante para madeira, HBS "ROTHOBLAAS", de 3,5mm de diâmetro e 40mm de comprimento, em aço galvanizado com revestimento de crômio.

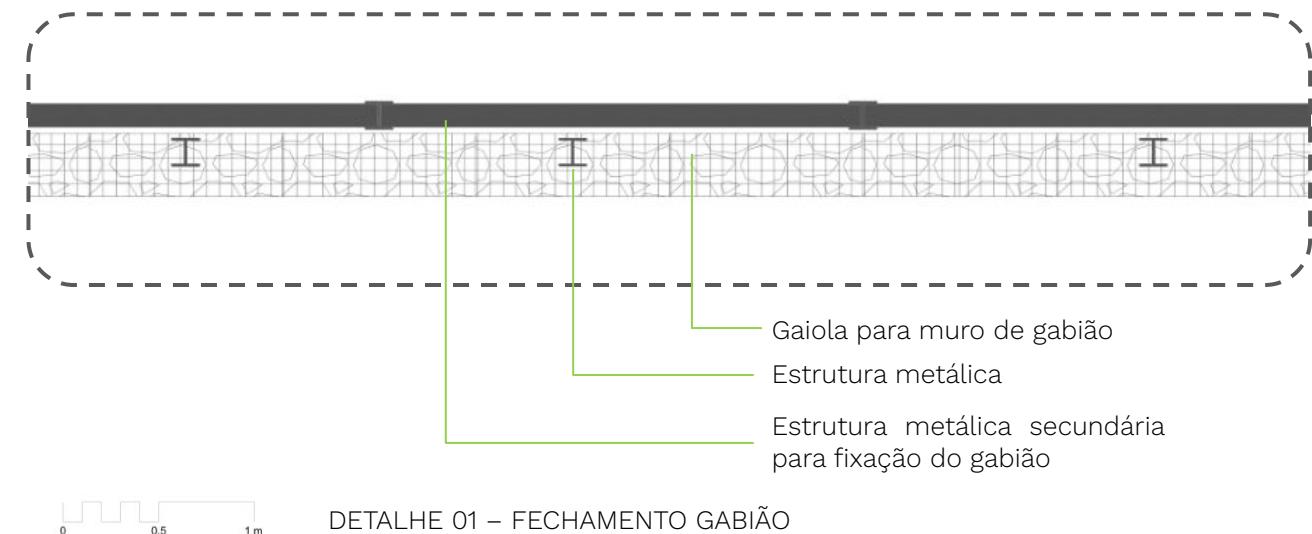
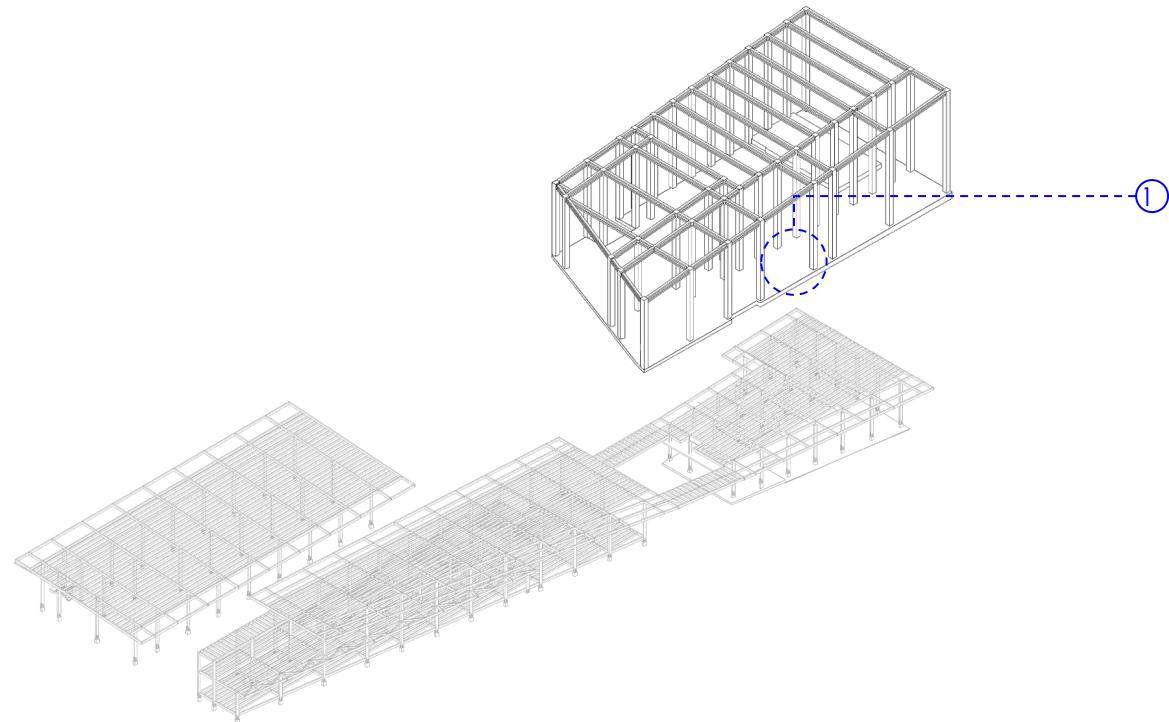
Vigota de MLC 4.2 x 15 cm com conector em aço para laje de concreto

DETALHE 01 – INTERFACE VIGOTAS-LAJE



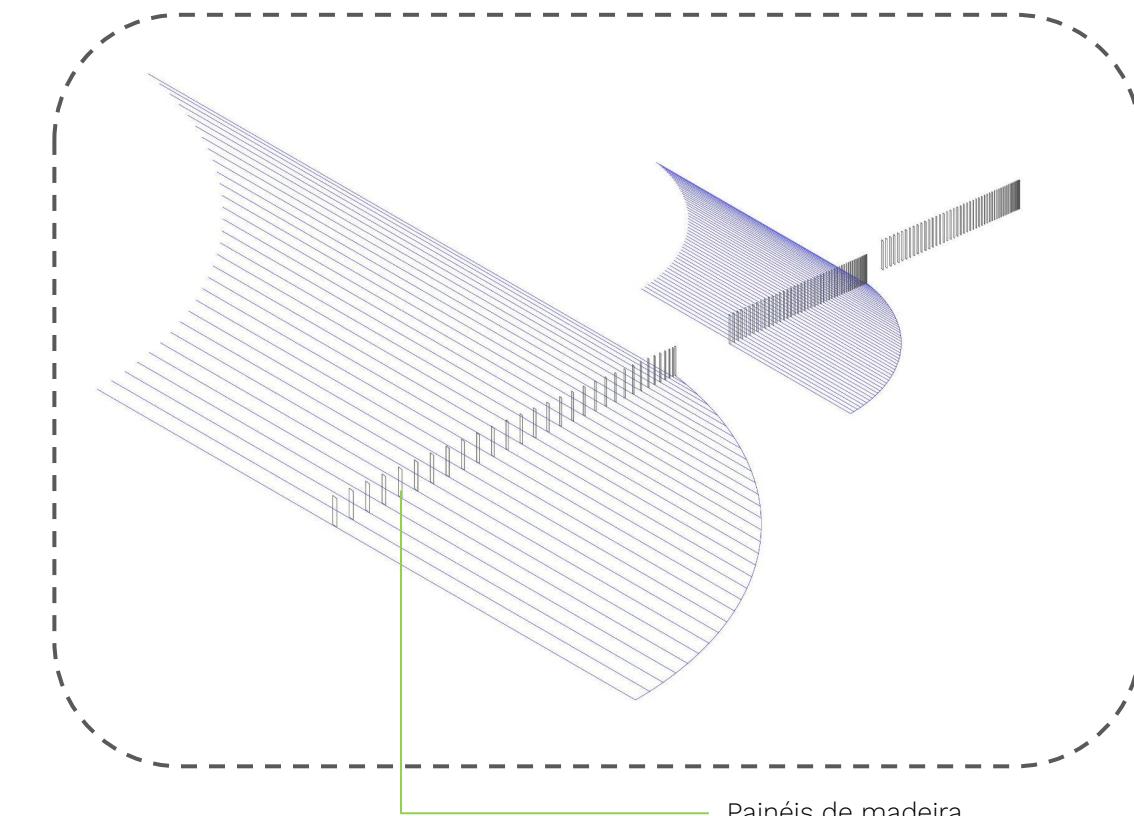
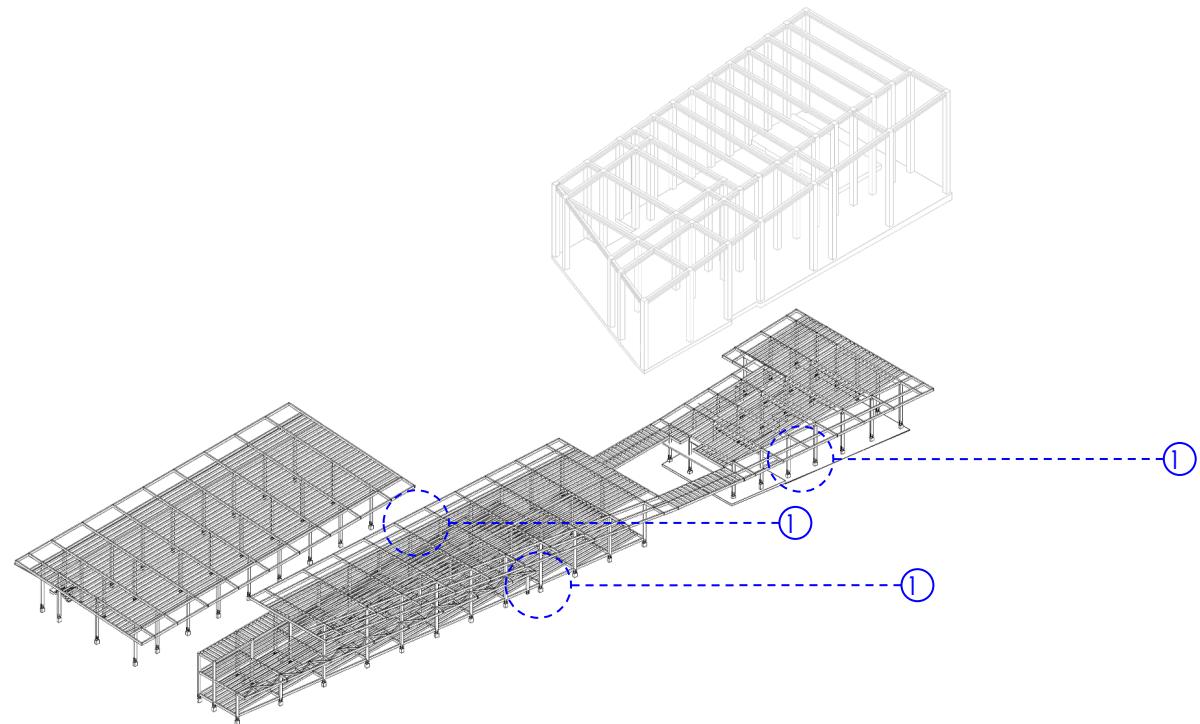
0 0,5 1 m

DETALHE 02 – INTERFACE PILAR-VIGA



DETALHE 01 – FECHAMENTO GABIÃO

Gaiola para muro de gabião
Estrutura metálica
Estrutura metálica secundária
para fixação do gabião



DETALHE 01 – MODULARIDADE PARAMETRIZADA DOS BRISES
CONFORME A INSOLAÇÃO

Minha fórmula para a grandeza no homem é amor-fati: não querer nada de outro modo, nem para diante nem para trás, nem em toda eternidade. Não meramente suportar o necessário, e menos ainda dissimulá-lo – todo idealismo é mendacidade diante do necessário -, mas amá-lo“

– Nietzsche, *Ecce Homo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Primado da Percepção e suas Consequências Filosóficas*, 1945, Campinas, SP, Papirus. Tradução publicada em 1990, p. 47.

HARVEY, David. *Produção Capitalista Do Espaço*, A. Annablume, 2005

PALLAMIN, Vera Maria. *Arte, cultura e cidade: aspectos estético-políticos contemporâneos*. 2015.

TAVARES, Paula. O desenho como ferramenta universal. O contributo do processo do desenho na metodologia projectual. *Revista de estudos politécnicos*, v. 7, n. 12, p. 007-024, 2009.

SCHENK, Leandro Rodolfo; PALLAMIN, Vera Maria. Os croquis na concepção do espaço arquitetônico: um estudo a partir de quatro arquitetos brasileiros. 2004.

LOPES, João Marcos; DE LIRA, José Tavares Correia (Ed.). *Memória, trabalho e arquitetura*. CPC, Centro de Preservação Cultural, USP, 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice et al. *The primacy of perception: And other essays on phenomenological psychology, the philosophy of art, history, and politics*. Northwestern University Press, 1964.

Candido, Antonio. A importância da leitura. em: *A literatura e a formação da consciência*. São Paulo: Cadernos de Estudos da Escola Nacional Florestan Fernandes, Número 2, 2007

Lima, Catharina Et Al. *O Direito ao (In) Compressível: Arte, Cidade, Paisagem e Transformação Social*. Rua, V. 23, N. 2, P. 291-309, 2017.

Pesquisa IPEA divulgada em 17 de nov. de 2010. Disponível em:
<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI88320-15228,00-PRECO+ALTO+E+OBSTACULO+PARA+ACESSO+A+CULTURA+DIZ+PESQUISA.html>. Acessado em 31. nov. 2021.

PALLAMIN, Vera. Entrevista com Otilia Arantes: forma urbana em mutação. *Eptic online: revista eletrônica internacional de economia política da informação, da comunicação e da cultura*, v. 16, n. 1, p. 58-67, 2014.

ARANTES, Otilia et al. *Uma estratégia fatal: a cultura nas novas gestões urbanas. A cidade do pensamento único: desmanchando consensos*, v. 3, p. 11-74, 2000.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da cultura de massa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364p.

MELO, Prof. Victor Andrade de. *Lazer como ferramenta de ação social: ponderações*. Copyright© Instituto Usina Social, 2009 Capa Emmanuel Moraes Diagramação, p. 18, 2009.

DE MELO, Victor Andrade. Sobre lazer, recreação e animação cultural: apontamentos (ou à busca de um espírito). *Revista Eletrônica Nacional de Educação Física*, v. 1, n. 1, p. 11-20, 2011.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. Edições Loyola, 2000.

RANCIÈRE, Jacques (2004). *Malaise dans l'esthétique*. Paris:La Fabrique.

Resumo Executivo de São Vicente, Projeto Litoral Sustentável, Instituto Polis, 2012. Disponível em: <<https://polis.org.br/p-palavras-chave/sao-vicente-sp/>>. Acessado em 01. nov. 2022.

Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/web/digitalizado/cartografico/documentos_cartograficos>. Acessado em 01. nov. 2022.

Arquivos Cartográficos Municipais Da Prefeitura De São Vicente.

Base Cartográfica Google Maps.

